AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico *ao DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito dos Projetos *(Per)cursos da graduação em História: entre a iniciação científica e a conclusão de curso,* referente ao EDITAL Nº 002/2017 PROGRAD/DIREN/UFU e *Entre a iniciação científica e a conclusão de curso: a produção monográfica dos Cursos de Graduação em História da UFU*. (PIBIC EM CNPq/UFU 2017-2018). (https://monografiashistoriaufu.wordpress.com).

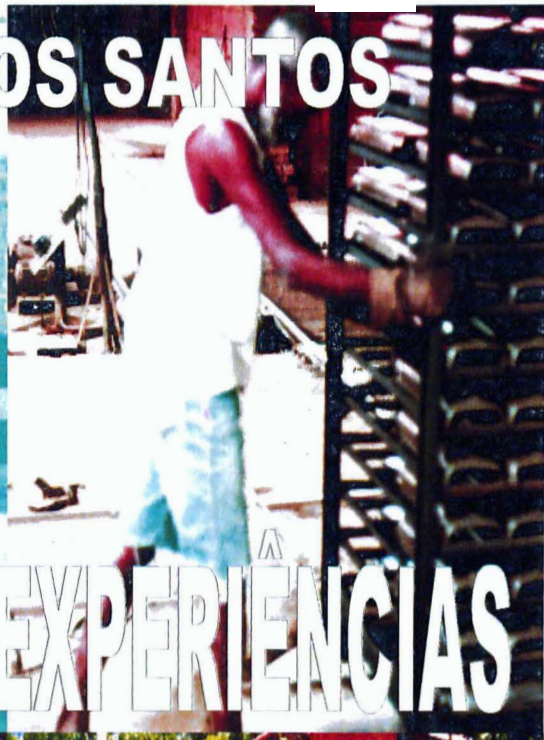
Ambos visam à digitalização, catalogação, disponibilização online e confecção de um catálogo temático das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia. Para tanto, o autor deverá* entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

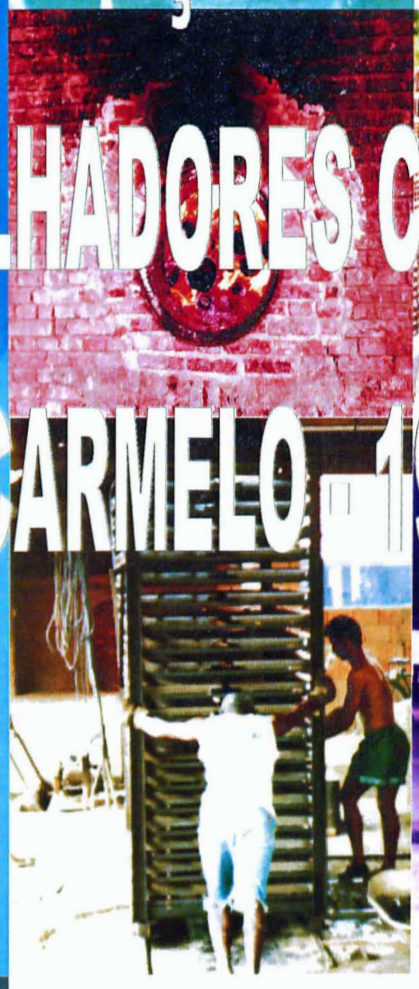
MARCOS MOREIRA DOS SANTOS







LUTAS, ORGANIZAÇÃO E EXPERIÊNCIAS DE TRABALHADORES CERÂMICOS: MONTE CARMELO 1970/1990.









UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

UBERLÂNDIA, 1999

Marcos Moreira dos Santos

Lutas,Organização e Experiências de Trabalhadores Cerâmicos:

Monte Carmelo - 1970/1990.

Monografia apresentada como requisito parcial para a graduação em História, desenvolvida sob a orietação do **Prof. Dr. Antonio Almeida**, do Departamento de História.

Universidade Federal de Uberlândia
Uberlândia - 1999.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Antonio Almeida - orientador

Profª. Drª. Maria Clara Tomaz Machado

Prof. Dr. Paulo Roberto de Almeida

DEDICATÓRIA

Aos meus pais - Baltazar e Antônia -,
nos quais reside a mais convicta de minhas
poucas certezas, a da existência do amor;

Aos meus IRMÃOS, Lucas e Rejane;

Ao Matheus, fonte da força que me dá vida.

AGRADECIMENTOS

Qualquer tentativa de agradecimento é sempre uma questão que deixa em aberto uma grande possibilidade de se cometer injustiça por meio do esquecimento involuntário. Um meio eficaz seria uma generalidade radical no reconhecimennto a todos que conheci ao longo da vida. Estou assim num paradoxo, pois é injusto também deixar de destacar:

Ao curso de História da UFU pelo intenso período de sensações experimentadas na formação intelectual e no amadurecimento pessoal por meio das boas e más relações estabelecidas.

Ao professor Antonio Almeida pelo zêlo e paciência no trabalho assumido em orientar, deixando sempre claro um caráter de profissionalismo, fundado em sólidos princípios de tratamento da pessoa humana.

Ao professor Paulo Roberto de Almeida, pelo exemplo instigador de acadêmico-militante, que com sua contundência conseguiu convergir minhas angústias ao me apresentar o caminho do trabalho acadêmico.

À professora Maria de Fátima Ramos de Almeida pelo breve, mas fundamental período de orientação.

Ao professor Antônio de Pádua Bosi pelas discussões das problemáticas de pesquisa levantadas.

À Antoniette, que da sua forma, procurou incentivar a continuidade dos estudos.

Às amizades profícuas que assumiram e assumem papel de destaque, tanto a nível do desenvolvimento intelectual, como das experiências etílicas. Em especial ao amigo E. Antunes de Medeiros, pelo compartilhar das angústias e aprimoramento teórico, como ainda, da disposição em realizar o trabalho de registro fotográfico de cenas que compõem este trabalho.

À professora Maria Clara Tomaz Machado, destaque das minhas referências de profissionalismo, responsabilidade e paixão pela pesquisa histórica. A quem, à sua virtuosa maneira, ajudou-me a encerrar este começo de caminhada.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO..... 02

CAPÍTULO 1

Monte Carmelo: do desenvolvimento econômico à emergência da indústria cerâmica..... 13

CAPÍTULO 2
Os trabalhadores e seu meio: carências, identidade e organização coletiva

2.1 A realidade vivenciada no trabalho..... 30
2.2 Carências, tradições e reivindicações como elementos constituintes da identidade social..... 44
2.3 Os cerâmicos e "seu" sindicato: o que houve?..... 54

CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 61

FONTES e BIBLIOGRAFIA..... 66

INTRODUÇÃO

Ao iniciar a redação desta introdução, já nos momentos finais para a impressão definitiva, dei por conta de um série de sensações provindas de cenas marcantes, que remotam o meu período de formação no curso de graduação em História, as quais me atingiram de súbito. Satisfação, reconhecimento, realização, decepções, frustrações, potencialidades, alegrias e angústias são partes da gama de sensações experimentadas, sobre as quais sinto necessidade de melhor compreendê-las. Porém, não é esse o espaço que buscarei empreender tal tentativa, mesmo considerando o quanto este trabalho materializa boa parte desses estados emocionais.

E é desta forma, com uma boa carga de sensibilidade, de envolvimento que a escolha desse tema foi feita. Situação de extrema complexidade, à medida em que a questão da objetividade se coloca neste contexto do trabalho na história social. Mas é assim, nessa situação em que a princípio a questão é colocada de forma simples: objetividade x envolvimento com o objeto de pesquisa; que o meu recorte foi estabelecido, sendo que hoje, já com algum amadurecimento acerca da questão, não mais a tomo com tal simplificação.

Sem mais "elucubrações", devo esclarecer que desde sempre meu contato com este objeto existiu. Isto porque, além de ser de Monte Carmelo, tem-se que meu pai, no exercício da profissão de comerciante, é proprietário de um bar onde trabalhadores cerâmicos cotidianamente se fazem presentes, compondo uma das imagens que se fixaram em minha memória. Na verdade, o que parece pouco, do ponto de vista de uma justificativa, no meu caso foi extremamente decisivo no processo de compreensão do significado do conhecimento histórico, pois foi o início de uma proposta de inserção e vivência da realidade, onde profissão e perspectiva de transformações sociais passaram a se convergir em um dos significados que dão sentido à minha vida.

Não poderia deixar de ponderar acerca do quanto foi decisivo nesse processo, a estrutura que a Universidade Pública, no caso, Universidade Federal de Uberlândia, me forneceu. Seja por meio da bolsa alimentação, de atividades remuneradas, ou ainda, de uma série de eventos (pelo menos até 1995) essenciais na formação acadêmica, mas, principalmente, por contar com um programa indispensável para a graduação, o PIBIC. Foi graças a esse programa que consegui atingir os resultados aqui apresentados, envolvendo uma experimentação intensa do que pode a vir a ser

meu trabalho a partir daqui, permitindo sentir e calcular grande parte das conseqüências que a escolha desta profissão coloca.

Efetivamente, esta pesquisa levanta duas grandes problemáticas, sendo a primeira pertinente aos fatores que se consubstanciaram no desennvolvimento econômico do município de Monte Carmelo, de maneira mais específica, os fatores associados à industrialização cerâmica. Nesse sentido, a justificativa para o recorte temporal é estabelecida, pois como há de se verificar no primeiro capítulo, tais fatores são postos a partir da década de 70.

A segunda problemática, que mereceu maior cuidado, pois foi o ponto de partida desta jornada, constitui-se no trabalhador cerâmico. Cabe aqui algumas ponderações acerca do termo empregado para se referir ao trabalhador de cerâmicas. Em virtude de não se ter um termo específico que seja comumente utilizado para designar os trabalhadores das indústrias cerâmicas, resolveu-se atribuir a esta categoria o termo "trabalhadores cerâmicos" ou também "cerâmicos", posto que um outro termo (ceramistas) já é utilizado para designar o proprietário de uma cerâmica. Deste modo, perguntas como origem, relações de sociabilidade, cultura, identidade, resistência, organização, são preocupações levantadas e tratadas neste estudo.

Entre as várias preocupações presentes neste trabalho, duas delas sintetizam os objetivos prioritários aqui estabelecidos: por um lado, compreender o processo de desenvolvimento econômico que teve lugar em Monte Carmelo, com destaque para a emergência e modernização da indústria cerâmica ali estabelecida. Por outro, estudar o comportamento dos trabalhadores inseridos nesse tipo de atividade. Neste último caso, mereceram atenção especial as relações de trabalho com suas alterações, desenvolvidas no interior das indústrias cerâmicas, no período aqui trabalhado; as experiências sociais vivenciadas por esses trabalhadores e os mecanismos que, de forma direta ou indireta, contribuíram para o processo de criação de uma identidade coletiva existente entre eles e para orientar as ações de organização e de reivindicação dos seus direitos.

A relevância desse tipo de estudo, pode ser notada tanto em relação ao significado dessa categoria profissional no interior do chamado Mundo do Trabalho, numa perspectiva mais ampla, bem como no que diz respeito a importância da

atividade cerâmica, e também dos seus trabalhadores, no contexto da economia local e regional.

Aqui, o que se pretende destacar é que mesmo considerando a inserção desses trabalhadores num contexto mais geral das relações entre capital e trabalho, essa categoria profissional apresenta pontos específicos em relação aos demais trabalhadores do país, motivo pelo qual coube ao investigador uma atenção especial para tais singularidades. Além disso, o reduzidíssimo número de pesquisas sobre a atividade cerâmica de Monte Carmelo, e mais especificamente sobre os trabalhadores vinculados àquela atividade industrial, forneceu ao pesquisador a possibilidade de explorar um terreno pouco desbravado e contribuir dessa forma, para uma melhor compreensão daquela realidade.

No que diz respeito às premissas básicas que orientaram a trajetória da pesquisa ao longo do processo de investigação, cabe observar que a seleção das fontes pesquisadas, bem como a aplicação de uma metodologia de trabalho, ocorreram de forma indissociada da discussão dos pressupostos teóricos sobre os quais se alicerça o pesquisador.

Nesse sentido, considera-se que os fundamentos básicos de um processo de investigação historiográfica pressupõe uma interligação entre dois pólos indissociáveis: sujeito e objeto. Ou seja, de um lado encontra-se o historiador com seus pressupostos teóricos e metodológicos; do outro, os dados da realidade que devem estar sempre associados às ações dos seres humanos reais, investidos que são de uma condição de agentes sociais coletivos.

Por isso mesmo, para não cometer equívocos que geralmente prestam desserviços à compreensão da realidade e à construção do conhecimento histórico, dois caminhos foram aqui evitados: a adoção de uma postura que ilusoriamente procura atribuir aos dados da realidade o poder de encerrar em si mesmo a verdade científica, impossibilitando dessa forma a compreensão daquilo que está sendo estudado; ou, ao contrário, a transformação do objeto de estudo numa instância confirmadora da idealidade do próprio pesquisador, onde a realidade inquirida cumpre um mero papel de reiteração do já sabido.

Com isso, o que se pretende colocar é que, como afirma Thompson, o processo de investigação deve ser conduzido através de um diálogo permanente entre as

hipóteses, de um lado, e a pesquisa empírica, do outro, de tal forma que ambos sejam mutuamente determinados[1].

Ao reconhecer que o historiador parte inicialmente de suas posições teóricas, isso não implica afirmar que elas assumam a forma de "camisa-de-força" onde a realidade seria enquadrada. Daí a necessidade de se evitar posturas teóricas e metodológicas fechadas, que geralmente trazem conseqüências pouco proveitosas para a construção do conhecimento, além de simplesmente desconsiderar pontos ou questões emergidas a partir da investigação, não previstas antecipadamente.

Um dos pressupostos do trabalho de investigação histórica é, portanto, realizar uma análise que abranja o maior número de dimensões possíveis da realidade social, associada ao objeto enfocado, para a partir daí obter uma melhor percepção e compreensão das experiências sociais vivenciadas pelos agentes estudados.

Há de se ressaltar, também, que o resultado da pesquisa consiste numa versão que o pesquisador apresenta acerca do objeto estudado, a partir de sua "visão de mundo", de sua inserção política na sociedade e de sua maneira pessoal e particular de articular a linguagem narrativa. Nesse sentido, não se tem aqui a falsa pretensão de apresentar os resultados desta pesquisa como verdade histórica definitiva, o que não significa dizer que a investigação não tenha se pautado por critérios de cientificidades próprios da investigação histórica.

Ao lidar neste trabalho com a categoria de análise experiências vivenciadas, tendo-a como um dos eixos do processo de investigação, partiu-se do entendimento da experiência social vivenciada pelos trabalhadores cerâmicos de Monte Carmelo como sendo uma possibilidade de se pensar o fazer-se da sua trajetória enquanto classe pois, como afirma Thompson:*"os homens e mulheres também retornam como sujeitos, dentro deste termo - não como sujeitos autônomos, indivíduos livres, mas como pessoas que experimentam suas situações e relações produtivas determinadas como necessidades e interesses e como antagonismos, e em seguida tratam esta experiência em sua consciência e sua cultura das mais complexas maneiras e em seguida agem, por sua vez, sobre sua situação determinada."* [2]

---

[1] THOMPSON, E.P. **A Miséria da Teoria ou um Planetário de Erros**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

[2] Idem, p.182.

Nessa perspectiva, a formação e conscientização da classe é tratada como algo que se forja no decorrer de um processo, que é histórico, no qual a tomada de consciência e a percepção da inserção numa determinada classe dá-se a partir das experiências vivenciadas pelos indivíduos que a constituem, caracterizando o processo como dinâmico e não, como querem alguns, como sendo uma "entidade autônoma" descolada da história real. Como Thompson nos esclarece:*"en realid, lucha de clases es un concepto previo así como mucho más universal. Para expresarlo claramente: Las clases no existen como entidades separadas, que miran en derredor, ecuentram una clase enemiga y empiezan luego a luchar. Por el contrario, las gentes se encuentram en una sociedad estructurada en modos determinados (crucialmente, pero no exclusivamente, en relaciones de produción), experimentan la exploración (...), identifican puntos de interés antagónico, comienzan a luchar por estas cuestiones y en el proceso de lucha se descubren como clase. La clase y la conciencia de clase son siempre las últimas, no las primeras, fases del processo real histórico"* [3]

Ao se buscar aqui a recuperação das experiências de vida desses trabalhadores, fez-se necessária a utilização das fontes orais, entendendo-a como fonte de fundamental importância para o resgate do objeto enfocado. Cabe ressaltar, que tal procedimento tornou-se ainda mais necessário tendo em vista a insuficiência de outras fontes escritas ou materiais que pudessem responder satisfatoriamente à problemática proposta. Assim, o uso de fontes orais, além de preencher essas lacunas, apresentou-se também como uma maneira de dar voz àqueles que, enquanto sujeitos da história, atores sociais de seu tempo, não tiveram acesso às formas de impressão ou registros, sejam eles quais forem, de suas experiências de vida. Desta forma, cumpre-se a meta e o objetivo da história social que é não excluir ninguém do processo histórico, sendo a produção da evidência oral uma ferramenta adequada para esse fim.

Com as entrevistas realizadas junto a alguns trabalhadores cerâmicos, que vivenciaram o trabalho dentro das cerâmicas, durante o período proposto para estudo (1980 a 1990), buscou-se atingir as questões que compõem as preocupações centrais desta pesquisa. É preciso considerar, entretanto, que, trabalhando com as experiências de vida desses trabalhadores, dado as próprias características do trabalho com as fontes

---

[3] THOMPSON, E. P. **Tradición, Rivuelta y Consciencia de Clase.** Barcelona,Zamora, 1979, p. 37.

orais, algumas das problemáticas foram melhor tratadas que outras. Aqui, novamente deve-se atentar para a orientação teórica do pesquisador, no sentido de justificar também um melhor tratamento de algumas problemáticas em relação a outras, que juntas compõem o conjunto de questões propostas para a investigação, pois como já foi apontado, a tarefa do historiador não é a de buscar os fatos como processo acabado, nem a de lidar com a história como se ela pudesse ser encerrada por determinadas etapas, num dado momento. Ao contrário, seu papel é buscar a compreensão da dinâmica do processo sobre o qual investiga procurando entender suas reelaborações, suas contradições, seu constante refazer-se. O relato de um historiador, no exercício de sua profissão, apresentado a seguir, nesse sentido é bastante ilustrativo: *"(...) que o objeto de estudo iria se compondo ao longo da investigação. A partir da reflexão que os dados da pesquisa de campo me ofereciam, fui construindo os referenciais necessários para pensar meu objeto de estudo, delimitá-lo melhor, compreendê-lo um pouco mais. Nesse sentido, não se tratava de uma concepção de objeto morto e sem vida, sobre o qual me atiraria com meu bisturi de historiador a dissecar memórias de fatos passados, conservados no formol da consciência."* [4]

Desta forma, cumpre ressaltar, também, que a própria experiência e contato com aquela realidade, vivenciada pelo pesquisador, foi de grande valia para essa etapa do trabalho.

Ao lidar com as fontes orais, algumas questões de ordens teóricas e metodológicas foram colocadas, a saber:

a) a validade do documento oral, envolvendo aqui, a maneira de interpretá-lo. A crítica que se faz a esse tipo de documento, e ainda, a problemática da memória (sua falibilidade, entre outras);

b) a própria noção de produção do depoimento, entendendo-o como construção de um documento que envolve pesquisador/entrevistador e entrevistado, portanto envolve uma discussão sobre a alteridade na produção do documento;

c) Daí a necessidade de se atentar para o posicionamento ético do pesquisador/entrevistador para com o entrevistado e para com o documento produzido;

---

[4] SOUZA, João Carlos de. **Na luta por habitação:** a construção de novos valores. São Paulo: EDUC, 1995. p.13.

d) a técnica de transcrição.

O encaminhamento para a solução desses problemas, tem como ponto base, o posicionamento do pesquisador frente a uma teoria da História e principalmente, um referencial na sua própria experiência de vida.

Nesse sentido, quanto à primeira questão anteriormente colocada, procuramos entrecruzar as informações fornecidas pelos entrevistados com informações oriundas de outras fontes (descritas mais adiante). Desta forma, buscou-se ainda, ampliar a possibilidade de resultados na investigação.

Deve-se ainda pontuar que, ao comparar os depoimentos orais com outras modalidades de fontes, procurou-se detectar a inserção das histórias de vida relatadas pelos entrevistados, numa conjuntura que está para além do individual, procurando assim, cumprir um dos pressupostos aqui utilizados como base desse trabalho, o qual consiste em não perder de vista a diversidade e dinâmica do processo histórico aqui pesquisado.

Acerca da forma de produção do documento oriundo do depoimento do entrevistado, deve-se atentar para o fato de que o mesmo é resultado da participação direta do pesquisador/entrevistador e do entrevistado, envolvendo, portanto, duas experiências de vida diferenciadas.

Partindo do pressuposto desta diferenciação de experiências dos indivíduos envolvidos diretamente na produção desse documento, buscou-se inicialmente, adotar uma técnica de entrevista, que está estruturada sobre um roteiro previamente estabelecido, elaborado pelo pesquisador/entrevistador.

Na realização das entrevistas utilizou-se também, além do roteiro pré-estabelecido, a presença de um auxiliar. Este auxiliar teve como função fazer apontamentos a respeito do processo de coleta de informações do entrevistado como, por exemplo, o comportamento do pesquisador/entrevistador e as reações do entrevistado não detectadas ou não registradas pelo entrevistador quando da transcrição do depoimento. Outra função foi a do cuidado com o próprio equipamento utilizado na coleta do depoimento, verificando o nível de energia das pilhas e troca das fitas K-7.

Quanto ao tratamento dispensado pelo pesquisador/entrevistador, para com o entrevistado, procurou-se estabelecer logo no primeiro contato uma relação caracterizada pelo profissionalismo. Isto deu-se à medida em que se buscou expor para o entrevistado, os objetivos do trabalho que se procurava realizar. Em seguida, após a aceitação do entrevistado em fornecer o seu depoimento, foi estabelecido o compromisso de não exposição de questões de forum íntimo relatadas, ou questões outras que pudessem expor o entrevistado a conseqüências negativas, como uma perseguição política, que o trabalho de pesquisa e a publicação do mesmo pudessem acarretar.

Como último ponto colocado, a transcrição também merece ser tratada, uma vez que esta, além de outras singularidades, é a parte mais desgastante e morosa do trabalho com a utilização de fontes orais. Isto porque o trabalho de transcrição e digitação dos depoimentos, requisitou em média de oito a dez horas de trabalho para cada hora de fita K-7 gravada. E ainda pelo fato de não haver critérios regulamentadores para o trabalho de transcrição e digitação, isso requereu que o pesquisador estabelecesse os seus próprios critérios. Diante disso procurou-se fazer a transcrição literal das falas, preservando os erros de pronúncia.

No que diz respeito à quantificação do número de entrevistas necessárias para a realização da pesquisa, partiu-se do pressuposto de tratar a problemática proposta por meio dos relatos pessoais de trabalhadores (relatos esses obtidos dentro das limitações de tempo e de pessoal envolvido na pesquisa), não tendo a preocupação em se buscar amostragens ditas representativas, mas sim, relatos de práticas coletivas vivenciadas no conjunto.

No tocante às demais fontes utilizadas para o desenvolvimento da pesquisa, cabe destaque as seguintes: alguns editoriais do Jornal local **Alerta Geral**, pelos quais pode-se ilustrar o comprometimendo deste jornal com os interesses da classe patronal local, servindo como veículo de comunicação da postura defendida pelos proprietários dos meios de produção. Em relação a essa fonte chama a atenção o fato de que 40% do total de patrocinadores do jornal são compostos por ceramistas. Por este tipo de material foi possível melhor detectar, pelo confronto ainda com os depoimentos, a clara existência de interesses antagônicos no que tange a relação cerâmicos e ceramistas. Como, por exemplo, as críticas contundentes às conquistas trabalhistas

obtidas com a promulgação da constituição de 1988, evidenciando a interferência direta que isto provocou nas condições de trabalho.

Quanto ao material coletado junto à Associação dos Ceramistas de Monte Carmelo, nos foi possível quantificar o grau do desenvolvimento da indústria cerâmica local e também identificar indícios de como se dá a relação patrão/empregado, no que tange à garantia de direitos e à política salarial, permitindo que fossem feitas algumas das tabelas e gráficos que constam deste trabalho.

Apesar de escasso, foi de valiosa contribuição o material fornecido pelo Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Cerâmicas de Monte Carmelo, com destaque para os dados de uma pesquisa realizada pelo mesmo, no ano de 1990, junto a 215 cerâmicos de seis indústrias cerâmicas locais. Essa pesquisa permitiu extrair dados que identificam percentuais daqueles que acreditam na força do coletivo da categoria cerâmica para se fazer a reivindicação do pagamento quinzenal, e ainda, os dados apresentados, na forma de tabelas e gráficos, neste trabalho. Alguns panfletos e cartazes também foram recolhidos permitindo perceber a orientação política que o sindicato busca dar aos cerâmicos. Consta ainda do material encontrado no sindicato o estatuto do mesmo, a ata de posse da primeira diretoria e algumas atas de reuniões do sindicato.

Fica aqui registrada a angustiante e até mesmo frustrante situação enfrentada por aqueles que se arriscam no campo da pesquisa histórica, quando se deparam com realidades, como a que se presenciou no sindicato dos cerâmicos de Monte Carmelo. Ou seja, até mesmo uma entidade que se diz preocupada com uma "tomada de consicência do proletariado", não despertou preocupação para com a preservação da memória do próprio movimento, o que fica constatado na precariedade do trato desses dirigentes sindicais para com o material que eles mesmos produzem.

Dessa forma é de se lamentar a falta de um empenho mínimo que o sindicato poderia ter tido acerca do acesso a dados na justiça do trabalho e na delegacia regional do trabalho, que além de enriquecerem este trabalho também seriam de extrema utilidade ao mesmo, no sentido de apresentar um quadro estatístico da realidade de luta enfrentada pelos cerâmicos no âmbito da justiça e do próprio Estado.

Durante os períodos de estadia do pesquisdador em Monte Carmelo, realizou-se também visitas as indústrias cerâmicas, permitindo melhor percepção sobre o

cotidiano vivenciado pelos cerâmicos no trabalho. Isto resultou na captação de imagens fotográficas, dentre as quais, após o processo de digitalização, algumas ilustram o presente trabalho.

Por fim, quanto a estrutura do trabalho, tem-se no primeiro capítulo a localização do espaço onde se insere o objeto de estudo. Sendo essa localização geográfica, política e econômica, com destaque para essa última, pois além de ser base da justificativa cronológica constitui-se num ponto fundante da análise apresentada no capítulo seguinte.

E no segundo capítulo tem-se um estudo dos cerâmicos, referendando-se principalmente nas experiências experimentadas a partir do espaço produtivo. Sendo assim buscada uma historicidade das relações de trabalho, a partir das quais pontos como a identidade, tradições, origem, lutas e organização, apresentam-se como instâncias indissociáveis do universo que é a realidade desta categoria.

CAPÍTULO 1

Monte Carmelo: do desenvolvimento econômico à emergência da indústria cerâmica

Geograficamente, a cidade de Monte Carmelo está localizada na parte oeste do Estado de Minas Gerais, na região do Triângulo Mineiro, conhecida também como a IV região geo-econômica do Estado (ver mapa 1 e 2 a seguir). Mais especificamente, Monte Carmelo é um centro sub-regional polarizando conjuntamente com Patrocínio, outro centro sub-regional, a micro-região de Patrocínio que compõe-se dos municípios de Abadia dos Dourados, Coromandel, Cruzeiro da Fortaleza, Douradoquara, Estrela do Sul, Grupiara, Iraí de Minas, Monte Carmelo, Patrocínio, Romaria e Serra do Salitre.

A origem de Monte Carmelo se dá a partir de um povoado constituído por pessoas oriundas das cidades de São João Del Rei e Tamanduá (hoje Itapecerica) que vieram atraídos pelo garimpo diamantífero. Num terreno, com extensão de uma légua, doado à Nossa Senhora do Carmo por uma fazendeira de nome Clara Chaves, formou-se um povoado que em 1840 recebeu o nome de Carmo da Bagagem. Em 1859 por força da lei n°. 189, a antiga Paróquia é desmembrada do território de Patrocínio e é anexada à Freguesia de Bagagem (hoje Estrela do Sul).

Eclesiasticamente, sua emancipação da jurisdição de Bagagem se deu em 1870, pela lei Provincial n°. 1650, de 14 de julho, sendo por esta lei criado o Distrito. No entanto, é pela lei Estadual n°.2, de 14/09/1891, que se confirma a categoria de Distrito e, em 24/05/1892, o Distrito é elevado à categoria de cidade por força da lei Estadual n°. 286. Finalmente, em 25/06/1900, a cidade passa a ser denominada Monte Carmelo. Esta denominação se dá em virtude de um pico existente no município, o qual é semelhante ao Monte Carmelo localizado no litoral de Israel, que em hebraico - Karem El - significa "Vinhedos de Deus"[5]

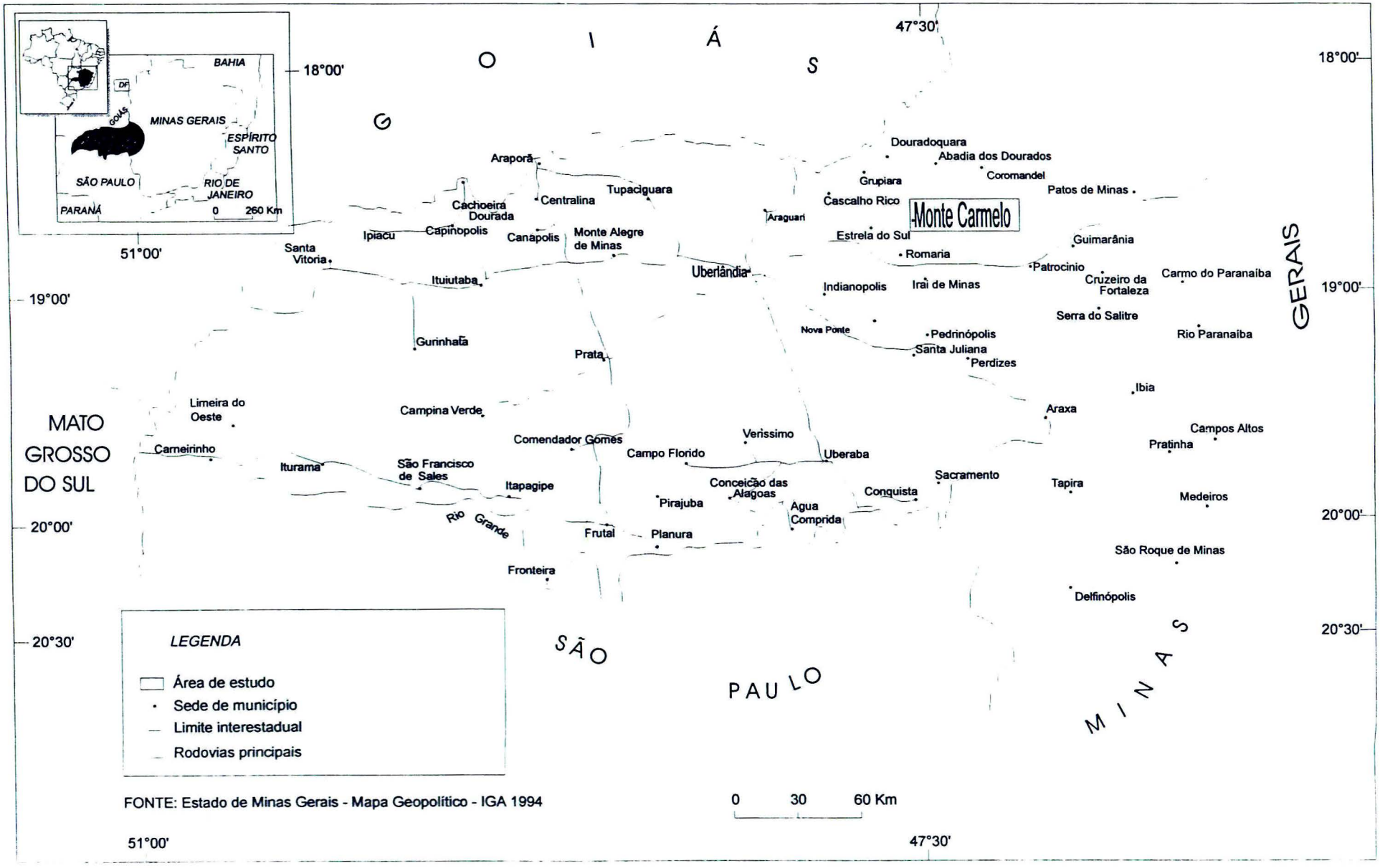
Conjuntamente com a atividade de extração diamantífera, desenvolveu-se no Município a agricultura de subsistência baseada na pequena propriedade rural, onde também havia uma pequena produção leiteira[6]. É em 1932, por iniciativa do senhor

[5] Dados históricos extraídos do "1° Censo Cultural de Minas Gerais", 1994, org. Secretaria do Estado de Cultura-MG. Jornal Municípios Mineiros, n° 44:1, março de 1984, **Monte Carmelo**.

[6] Para um estudo detalhado da agricultura de subsistência na região do Triângulo Mineiro, ver , especialmente I capítulo de:
MACHADO, Maria Clara Tomaz. **Cultura Popular e Desenvolvimentismo em Minas Gerais**: caminhos cruzados de um mesmo tempo. São Paulo: USP/FFLCH, 1998. (Tese, Doutorado)

TRIÂNGULO MINEIRO E ALTO PARANAÍBA

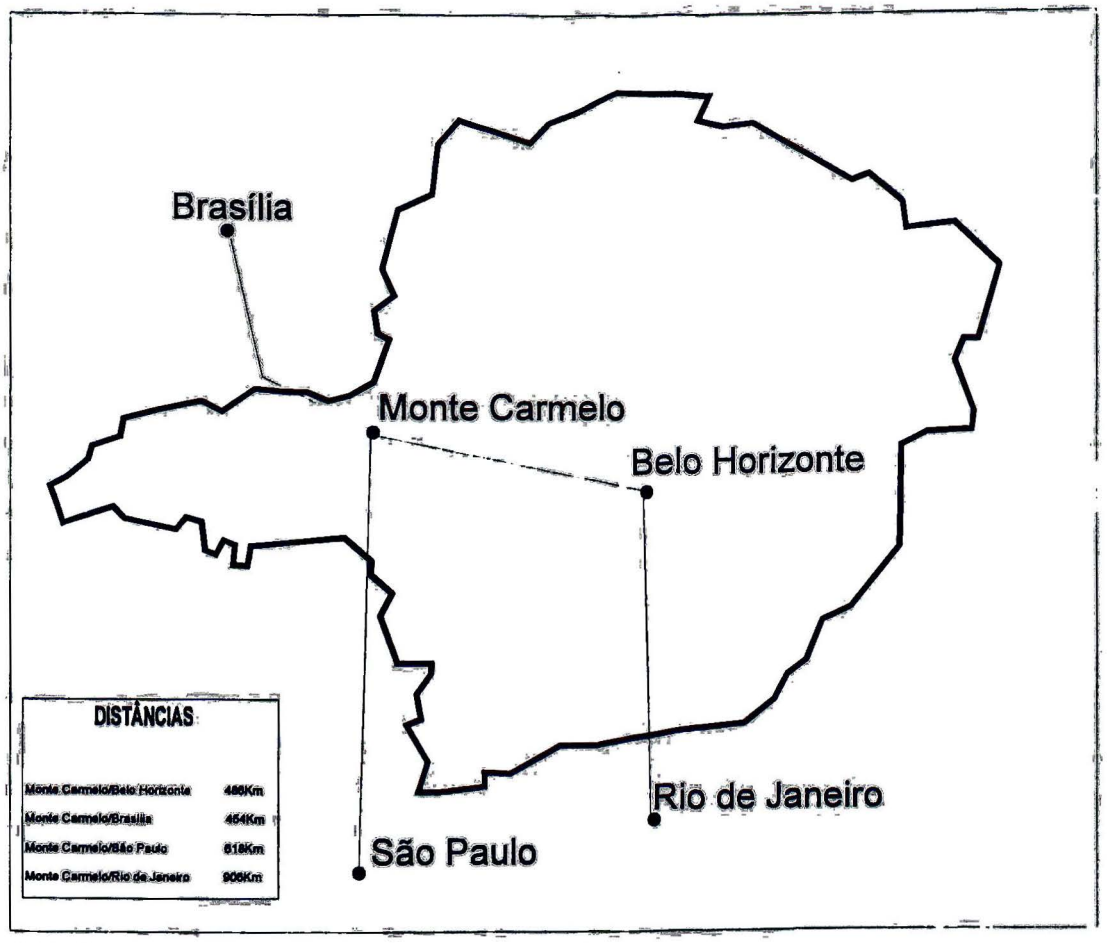
LOCALIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO



MAPA 1

LOCALIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

DISTÂNCIAS ENTRE MONTE CARMELO E ALGUMAS CAPITAIS*



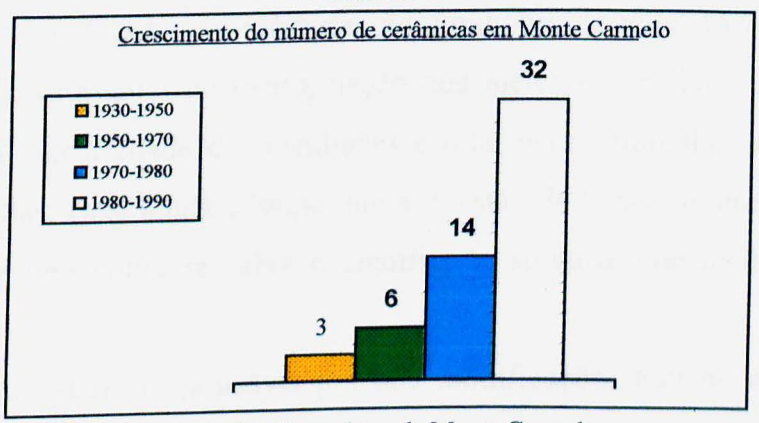
* As distâncias expressas consideram as vias principais e não necessariamente o menor percurso.

MAPA 2

Jorge Fernandes, que se instala a primeira cerâmica em Monte Carmelo - Cerâmica Nossa Senhora das Graças. Logo em seguida, por ação de outros pioneiros, como José Vieira Mundim Pena, Avelino Lassi e Nello Bosi, são instaladas mais duas cerâmicas. Durante as décadas de 50 e 60, como se pode observar pelo gráfico I, tem-se a duplicação do número de indústrias, sendo a construção de Brasília um forte fator explicativo para tal crescimento. Não obstante, a principal atividade econômica continua sendo a agricultura.

Uma alteração significativa desse quadro de crescimento do número de cerâmicas é observado a partir da década de 70, quando há um forte crescimento de cerâmicas, comparado com as duas décadas anteriores, sendo acompanhado por um aumento da população urbana, ocorrido em virtude da elevação da taxa normal de natalidade e pelo deslocamento da população rural para o meio urbano, conforme tabela I.

Gráfico I



FONTE: Associação dos Ceramistas de Monte Carmelo.

Tabela I

Crescimento da população em Monte Carmelo				
Anos	Urbana	%	Rural	%
1970	13.439	65,8%	6.978	34,2%
1980	21.650	80,6%	5.224	19,4%
1991	29.529	85,0%	5.174	14,9%

FONTE: SUCEI/SEPLAN. Anuário Estatístico de MG - 1990.

É imperativo que aqui se aborde os principais fatores responsáveis pelas modificações dos aspectos econômicos e sociais do município, verificado pelos dados colocados. Nesse sentido, observa-se que desde o início da década de 70, em plena vigência dos governos militares, as terras do cerrado passaram a ser alvos de planos e projetos econômicos. O objetivo consistiu em financiar uma agropecuária de exportação, modificando hábitos, formas de vida e relacionamento, na medida em que se fortificava o processo de concentração de terras, buscando colocar a atividade agropecuária em bases capitalistas de contínuo aperfeiçoamento técnico[7].

Desta forma, em termos gerais, a questão social é marcada pela reafirmação da lógica concentradora do capitalismo onde uma minoria faz uso dos benefícios gerados, enquanto a maioria é explorada e alojada em condições de precariedade. De maneira mais pontual, Bosi[8] indica um processo de exclusão de trabalhadores e pequenos proprietários do campo para a cidade, onde a base explicativa reside na verificação do esgotamento de possibilidades de sobreviência nos locais de origem, associado a uma expectativa de melhoras da condições de vida. Considera-se que este esgotamento está tanto na expropriação dos meios de produção, quanto num agravamento da precariedade das condições e relações de trabalho no campo, até então estabelecidas. Bosi ainda adverte que a questão de busca de uma melhora de vida é algo que tem como ressalva o significado singular que cada experiência conteria.

A ação do Estado responsável por tais modificações tem no ano de 1972, com o PCI - Programa de Crédito Integrado e Incorporação dos Cerrados -, a primeira ocorrência desse processo. Sendo o PCI, em conjunto com o PADAP - Programa de Assentamento Dirigido do Alto Paranaíba - , elaborados como projetos

---

[7] Para uma compreensão do processo de expansão do capitalismo na agricultura brasileira - tendo como norte a viabilização de empreendimentos agropecuários em moldes empresarias - a partir da política econômica dos governos militares pós-64,consultar:

NETO, Wenceslau Gonçalves. Estado e planejamento: a agricultura nos planos de governo no Brasil (1960-1980). **Revista História & Perspectivas**. Uberlândia, n.10, p. 81-107, jan./jun. 1994.

SALAZAR, Vera. **Ação do Estado e as transformações agrárias do cerrado das zonas de Paracatu e Alto Paranaíba-MG**. Rio Claro: IGCE/UNESP, 1988. (Tese, Doutorado).

SANTOS, José Vicente Tavares. Efeitos sociais da modernização da agricultura. **Revista História & Perspectivas**. Uberlândia, n.10, p. 45-57, jan./jun. 1994

[8] BOSI, Antônio de Pádua. **Os "Sem Gabarito"**: experiências de luta e de organização popular de trabalhadores em Monte Carmelo/MG nas décadas de 1970/1980. São Paulo: PUC/SP, 1997. (Dissertação, Mestrado)

de uma colonização dirigida. Há de ressaltar que estes dois programas, PCI (1972) e PADAP (1973) constituíram-se como as primeiras ações de realização dos objetivos de conquista e viabilização econômica dos cerrados, previstas no II Plano Nacional de Desenvolvimento (II PND).

O PCI teve como instituição que o elaborou o BDMG - Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais - sendo seu idealizador, o secretario de agricultura de Minas Gerais Alysson Paulinelli. Porém, como observa Salazar[9], apesar do PCI ter obtido resultado no sentido de contribuir para uma modernização da agricultura nos cerrados mineiros, dentro dos parâmetros da média e grande propriedade, sendo o setor industrial o grande agraciado, não obteve resultado satisfatório quanto ao objetivo de promover uma transformação tecnológica.

Quanto ao PADAP, institucionalmente esteve sob a coordenação da Cooperativa Agrícola de Cotia, por meio de um acordo firmado com o já referido secretário Alysson Paulinelli. Mesmo sendo iniciado a partir de 1973, o PADAP se desenvolveu paralelo ao PCI, tendo como foco de atuação quatro núcleos de colonização. Não obstante, o significado maior do PADAP, está, segundo Salazar, *"na primeira experiência de exploração agrícola intensiva no cerrado, ou seja, a expansão da agricultura capitalista e caracteriza a segunda etapa de superação da crise agrícola mineira, vivida na década de 60 e que foi marcada pela dispersão espacial da produção, retração da área plantada e decréscimo do valor real do produto agrícola."*[10]

Esses dois programas serviram, principalmente, como referência para um outro programa, conhecido por POLOCENTRO (1975-1979) - Programa de desenvolvimento dos cerrados. Conforme documento do Instituto de Geociências Aplicadas, sobre o Município de Monte Carmelo:

> "a atuação do POLOCENTRO (Programa de Desenvolvimento dos Cerrados), criado em em 1975, com o objetivo de aproveitar, racional e ordenadamente, áreas selecionadas do cerrado, possibilitou ao município ingressar num crescente processo de desenvolvimento. Isto graças à implantação da infraestrutura necessária à produção e a comercialização agropecuária. Foi introduzido o plantio

[9] SALAZAR, Vera. Op. cit., p.101.

[10] Idem, p.105.

> de novos cultivos, como o café, largamente incentivado pelo IBC (Instituto Brasileiro do Café) e o da soja, particularmente em áreas ocupadas até então por cultura de arroz de sequeiro." [11]

Em suma, o POLOCENTRO ao efetivar seus objetivos, apresentou como resultados um agravamento dos problemas sociais encontrados no meio rural, dado que, o enriquecimento ocorreu apenas para uma pequena parcela de produtores, reinterando uma prática de concentração fundiária, à medida em que se expropriou o trabalhador rural, gerando ainda problemas de ordem ambiental.

Em 1976, em plena vigência do POLOCENTRO, é implementado um acordo internacional entre Brasil e Japão sendo designado por JICA - Japan International Cooperation Agenty. Este, por sua vez, representou uma nova forma de maior maximização da ação no cerrado em termo de aproveitamento econômico. Segundo Salazar[12], este acordo entre o capital japonês e os governos militares firmado em 1976, durante a gestão Geisel, foi proposto anteriormente em 1961, no governo João Goulart, tendo sido rejeitado sob a alegação de defesa da soberania nacional. Assim como PCI e PADAP, serviram como ponto de partida para o POLOCENTRO, o acordo JICA foi a primeira referência para o PRODECER.

Em síntese, o PRODECER - projeto nipo-brasileiro de desenvolvimento agrícola das regiões dos cerrados, efetivado a partir de 1980, consiste numa reorganização da área de cerrado, no sentido de ampliação da expansão capitalista no campo. Entretanto, é em 1979 que se localiza a consolidação do PRODECER à medida em que a injeção de recursos no POLOCENTRO é reduzida, concomitante a elaboração de estudos pela JICA de área destinada ao desenvolvimento agrícola, bem como a criação da CAMPO - Companhia de Promoção Agrícola - , encarregada do planejamento, assistência e coordenação do PRODECER.

No que tange a Minas Gerais, é possível observar mais de perto a política de desenvolvimento implantada pelo Governo Federal na região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, designada pelo Plano Nacional de Desenvolvimento (1972-1974)[13]. Dentro das estratégias deste plano, forjou-se metas para uma Ação

---

[11] Citado por BOSI, Antônio de Pádua. Op. cit.

[12] SALAZAR, Vera. Op. cit., p.110.

[13] BDMG, **Bases Para Ação Programada no Triângulo e Alto Paranaíba**, Fundação João Pinheiro, Belo Horizonte, 3(2): 76-93, abr.jun., 1973.

Integrada na Região IV, onde está situada a cidade de Monte Carmelo. Sendo essas metas dirigidas para os programas de produção da agricultura, pecuária e agro-industrial e oferecendo suporte para infra-estrutura, insumos, assistência técnica, etc.

Essa Ação Integrada na Região IV fazia parte do Plano Mineiro de Desenvolvimento Econômico e Social - 1972/1976, elaborado pelo Governo de Minas, concomitante ao Plano Nacional de Desenvolvimento. Teve como diretrizes os objetivos de, primeiramente estabelecer qual deveria ser a atuação de Minas Gerais no contexto nacional, inserindo, portanto, este estado na linha mestra nacional, para em seguida, explicitar os objetivos a serem alcançados dentro do estado, considerando suas próprias especificidades.

Buscando cumprir o primeiro objetivo (participação de Minas no desenvolvimento nacional), tem-se a contribuição mineira para com a política de exportação, efetivada através do programa "Corredores de Transportes para Exportação". Quanto ao segundo objetivo (diretrizes da economia mineira), procurou-se estabelecer a longo prazo, a diversificação da estrutura produtiva e a desconcentração espacial de seu desenvolvimento.

Frente a esse quadro de planos, projetos e programas governamentais, que tinham como meta o crescimento econômico, os empresários de Monte Carmelo, já em 1970, por meio de sua organização, reivindicaram a inclusão desta cidade dentro das áreas de atuação desses projetos de desenvolvimento, elaborados tanto a nível nacional quanto estadual. Em carta expedida pela Associação Comercial e Industrial de Monte Carmelo - ACIMC (entidade representativa da classe patronal Carmelitana), ao ministro de estado do Interior, a reivindicação da inserção de Monte Carmelo, na área de atuação da SUDECO, fica bastante evidente por parte dos seus signatários:

> "Fazendo côro às solicitações de nossas co-irmãs, e, sobretudo interpretando as legítimas aspirações do povo desta àrea geo-econômica do Triângulo Mineiro, vimos encarecer a V. Exa, a necessidade de se efetivar a aprovação do projeto de lei encaminhado ao congresso, pelo govêrno Costa e Silva, sôbre a inclusão- desta região na àrea de atuação da SUDECO.

> Cremos que nada mais pode ser acrescentado à justificativa do projeto, mas cremos outrossim que, o elevado espirito público e a perfeita visão dos problemas brasileiros que é dotado V. Exa., não deixará de atender a esta reivindicação"[14]

A classe patronal carmelitana, sendo representada por entidades, políticos, meios de comunicações (rádio e jornais locais) entre outros, sempre deixou evidenciada a luta na defesa e conquista de seus interesses. Averigua-se esta postura quando, por exemplo, se observa em matérias publicadas no jornal pesquisado que, no tocante ao problema da falta de uma melhor infra-estrutura para atender às necessidades de energia elétrica a principal argumentação apresentada centra-se na relevância deste recurso energético para a produção cerâmica:

> "Apelamos aos diretores da Central Energética de Minas Gerais, que se fizesse um esforço maior para que nossas indústrias não fossem obrigadas a produzir menos, acarretando desemprego e não gerando economias ao Estado, desde que passamos por momentos dificeis na atual conjuntura econômica e política do país."[15]

Outra referência é a própria disposição, verificada no âmbito do poder público municipal, que vai de encontro com essa política dos governos militares, quando da gestão 1973/78, do prefeito Camilo Machado de Miranda, em seu discurso de posse, em 73, ressalta:

> "Fixaremos novas metas de incremento da produção. Serão riquezas produzindo riquezas, para que o progresso promova a paz e o bem-estar geral do nosso povo."[16]

Esse esforço das elites locais foi consolidado com o II PND (1975-79), quando este município foi reconhecido como área prioritária em Minas Gerais no POLOCENTRO. De concreto, dentro do esquema de desenvolvimento proposto por tal plano, viabilizou-se construção de estratas vicinais, eletrificação e telefonia rural, construção de silos armazenadores de grãos, financiamento e crédito rural e

---

[14] Conf. oficio n° 3/7, expedido pela Associação Comercial e Industrial de Monte Carmelo ao Ministro de Estado do Interior, Gn. José Costa Cavalcanti, em 21/05/1970.

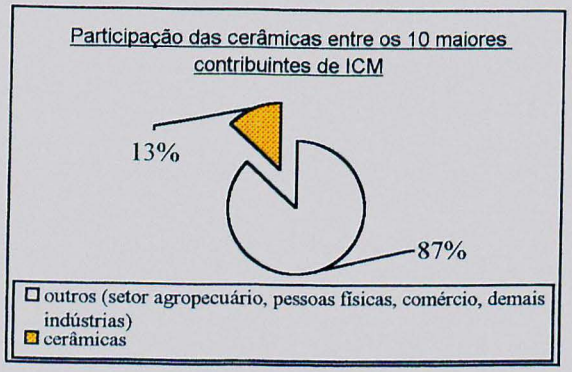
[15] Jornal Alerta Geral, n°15:1, mai. 1987, **Falta Energia.**

[16] **Aos meus conterrâneos de Monte Carmelo**. Brasília: Câmara dos Deputados, 1994, p.23. Citado por BOSI, Antônio de Pádua. Op. cit.

assistência técnica, entre outros, que proporcionaram a Monte Carmelo, o desenvolvimento necessário e articulado a um projeto político nacional[17]

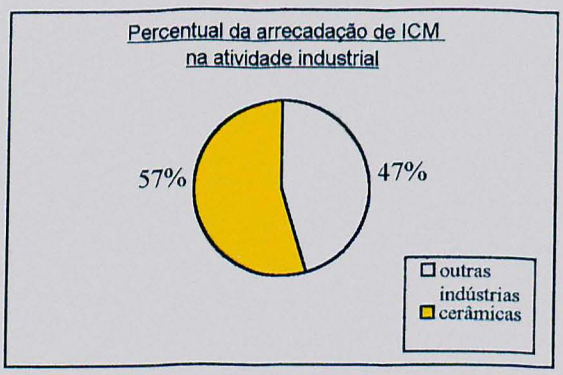
Desta forma, tem-se uma consubstanciação de alguns fatores, destacando a política nacional de desenvolvimento econômico e a atuação da classe patronal carmelitana, que permitiram forjar uma conjuntura na qual se desenvolveu a atividade produtiva cerâmica em Monte Carmelo, o que representa uma significativa atividade econômica para o município. Pode-se observar isso nos gráficos II, III, IV e V (elaborados a partir de dados extraídos do jornal **Alerta Geral**) referentes à participação da arrecadação de ICM no ano de 1988.

Gráfico II



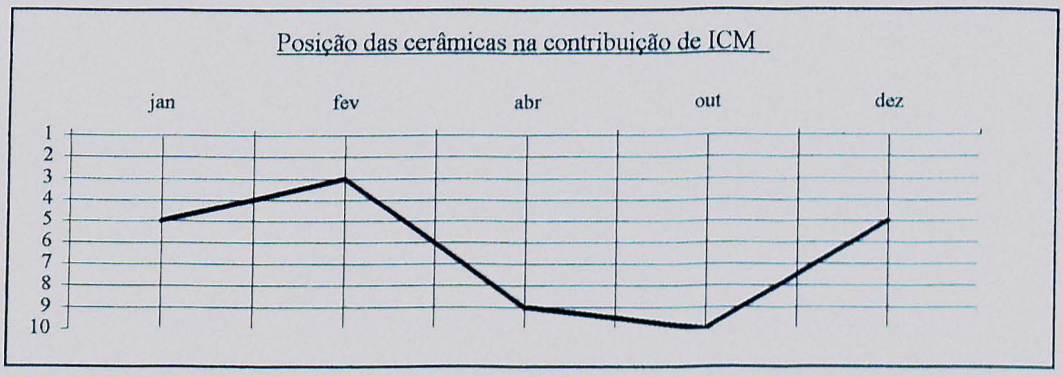
FONTE: Jornal Alerta Geral, 1988.

Gráfico III



FONTE: Jornal Alerta Geral, 1988.

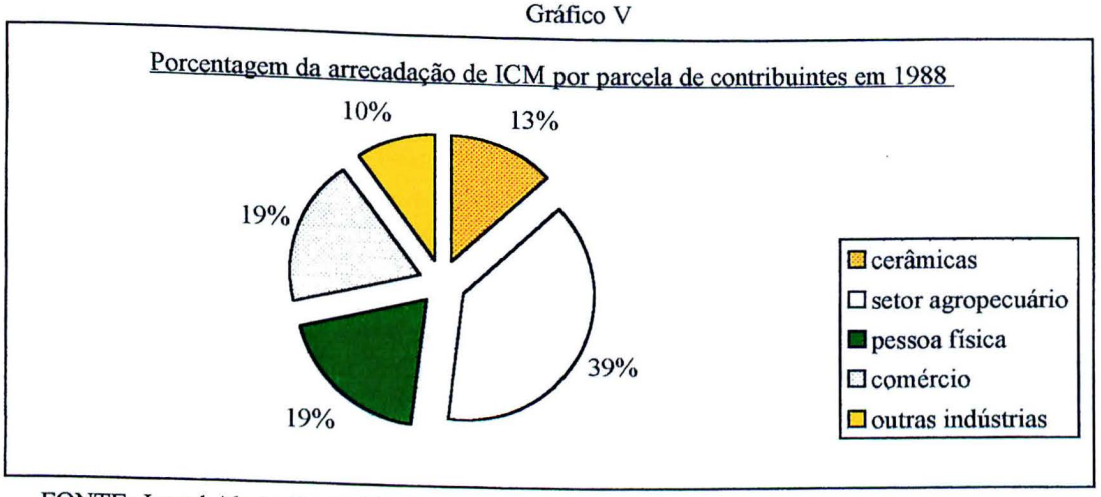
Gráfico IV



FONTE: Jornal Alerta Geral, 1988.

[17] Síntese das atividades do Programa de Desenvolvimento dos Cerrados - POLOCENTRO - em Minas Gerais 91975/79).

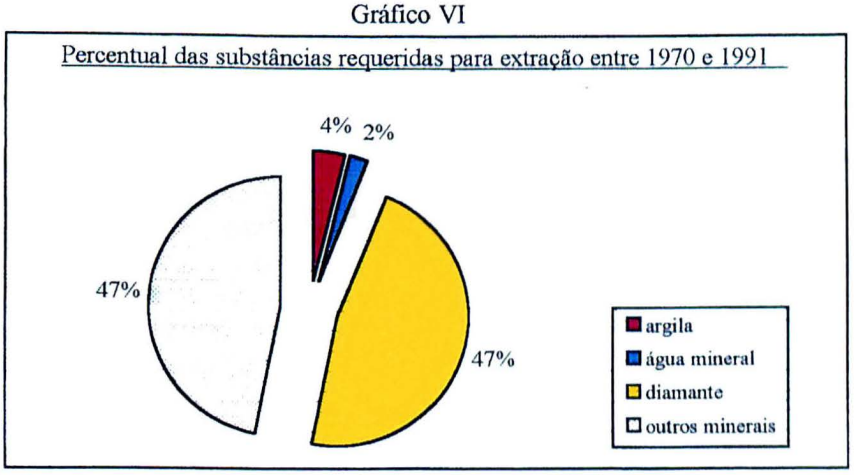
Gráfico V



FONTE: Jornal Alerta Geral, 1988.

Um importante dado para o qual se deve atentar e que justifica a colocação das cerâmicas na posição dos dez maiores contribuintes de ICM, é com relação à própria extração de argila. Esta, por sua vez, segundo dados do Departamento Nacional de Pesquisas Minerais (DNPM-MG), é feita fora do município, sendo que o principal produto extraído do subsolo de Monte Carmelo é o diamante (gráfico VI). Isto faz com que o ICM cobrado sobre o transporte de argila fique nas mãos dos municípios vizinhos de onde é extraído esse material.

Gráfico VI



Com isso, conclui-se que essa atividade produtiva colaborou de forma significativa para o crescimento do município, como se verifica nos dados da Associação de Ceramistas de Monte Carmelo, chegando ao final da década de 1980 com um faturamento estimado em torno de US$ 40 milhões e gerando em torno de

7.000 empregos, dos quais, aproximadamente, 3.500 ligados diretamente à Indústria Cerâmica e outros 4.000 indiretos.

Tabela II

A ATIVIDADE CERÂMICA EM MONTE CARMELO	
cerâmicas	33
empregos diretos	aprox. 3.500
capacidade instalada para produção telhas/mês	aprox. 30 milhões de peças/mês
produção atual	aprox. 28 milhões de peças/mês
caminhões que transportam matéria-prima (barro, lenha)	aprox. 200 caminhões
caminhões que saem por dia carregados de telha	aprox. 150 caminhões
consumo mensal de lenha	45.000 metros esteres/mês
quantidade de hectares plantados p/ suprir o consumo de lenha (pinos - eucalipto)	aprox. 1300 hectares/ano

Fonte: Associação dos Ceramistas.

Entretanto, essa mesma atividade trouxe também conseqüências desagradáveis para o município. Entre essas conseqüências o jornal Alerta Geral* faz referência àquelas ligadas à questão ambiental, especificamente quando do comprometimento da urbanização:

> "POEIRA NAS VIAS PÚBLICAS
> - Devido o período chuvoso e também os caminhões de barreiras das cerâmicas que transitam pelo centro da cidade, deixando muito barro no asfalto que quando seco se transforma numa poeira incrível, que além de dar um aspécto ruim à cidade não há quem agüenta fazer a limpeza. É preciso que haja uma orientação e compreenção por parte dos motoristas para que eles possam dar a sua parcela de colaboração na limpeza e higiene da cidade..."
>
> "BARREIRAS DAS CERÂMICAS
> - A Prefeitura Municipal já recebeu vários abaixo-assinados, de moradores que estão pedindo que o Executivo Municipal tome providências junto aos ceramistas, que murem os terrenos onde estão os depósitos de barro das referidas cerâmicas, pois da maneira como estão, com a chuva, o barro escorre pelas ruas, em que há casos de ficarem intransitáveis. Eles só pedem que os proprietários fechem os depósitos, que resolverá em grande parte o problema....."[18]

Deve-se pontuar ainda que, além dos problemas de tráfego, a questão das barreiras também representa a enorme probabilidade de geração de doenças

* Vale lembrar que, quando da análise feita deste periódico, verificou-se o comprometimento do mesmo para com os interesses dos próprios ceramistas, um indício disto (além da própria postura política que permeia principalmente os editoriais) é que nada menos de 40% dos patrocinadores são proprietários de cerâmicas - ceramistas.

[18] Jornal Alerta Geral, n° 37:4, mar. 1989, **A Voz do Povo.**

provocadas em virtude do acúmulo de água nas barreiras, transformando as mesmas em verdadeiros viveiros de larvas, de mosquitos transmissores de doenças como a dengue e a febre amarela.

Sobre a questão ambiental, ainda se destaca a problemática do choque entre a legislação ambiental e a atividade cerâmica. Tem-se que, quando o fornecimento de madeira utilizada nos fornos para "queima" da telha, era feito através do corte de madeira do cerrado, principalmente na década de 1970, ocorriam constantes incidentes provocados pela transgressão por parte daqueles que executavam esta atividade de extração. Isto em virtude do desconhecimento dos ceramistas acerca da legislação que regulamenta esta atividade. Em correspondência expedida pela ACIMC à Delegacia do IBDF de Minas Gerais, verifica-se que além do desconhecimento dos empresários sobre a matéria, os mesmos solicitam também esclarecimentos sobre a questão, dada a relevância da atividade cerâmica para o município.

> "Afim de dirimir dúvidas e, ao mesmo tempo facilitar a ação fiscalizadora da Polícia Florestal neste município, solicitamos a V. Excia. que nos forneça, se for possível, atos normativos sôbre os seguintes assuntos específicos:
>
> 1- Transporte e venda de lenha por carroceiros e pequenos lenhadores;
>
> 2- Extração e transporte de argila para industrialização.
>
> A nossa solicitação, Sr. Delegado, tem por finalidade orientar o comércio e a indústria local, já que, a ação repressiva da Polícia Florestal neste município vem criando sérios embaraços ao desenvolvimento das nossas atividades econômicas, inclusive lavrando notificações, muitas vezes absurdas.
>
> Cumpre-nos ainda exclarecer V. Excia. que a principal atividade industrial do município se baseia na fabricação de telhas e tijolos, sendo que a argila, nesta região, só é encontrada em terrenos de varzea e de brejos e, segundo a Polícia Florestal, a extração da matéria prima nesse tipo de terreno é proibida. Assim, cumpre-nos solicitar a V. Excia. uma orientação sôbre o assunto, já que a economia dêste município depende fundamentalmente de tal atividade industrial"[19].

Por fim, no que se refere à configuração do espaço urbano, percebe-se que as cerâmicas têm uma influência direta sobre a mesma, como se observa num mapa parcial do perímetro urbano, de Monte Carmelo, obtido junto ao IBGE*.

---

[19] Conf. carta expedido pela Associação Comercial e Industrial de Monte Carmelo ao Delegado do IBDF em Minas Gerais, em 10/11/1971.

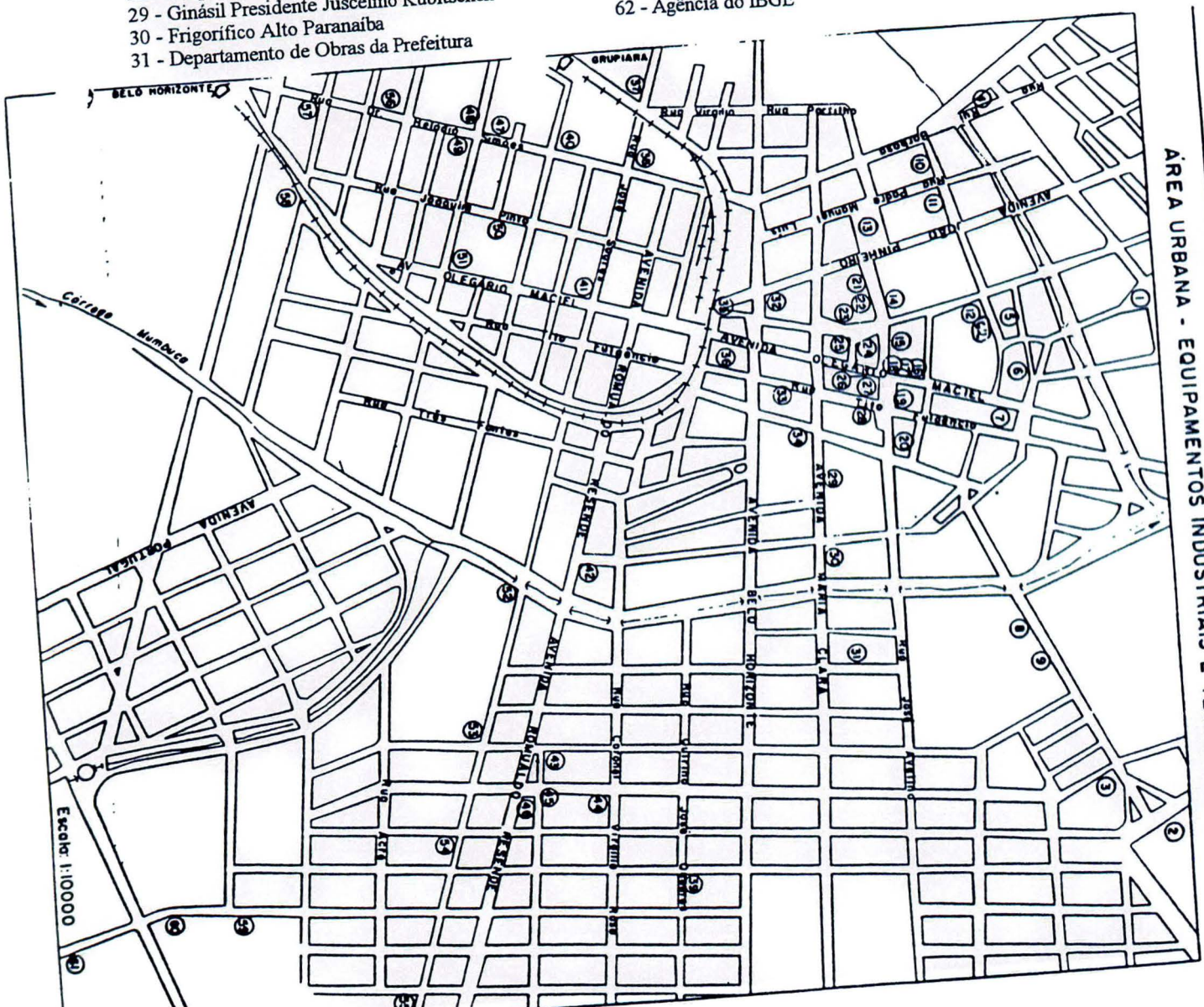
* Embora o IBGE tenha omitido a data de confecção desse mapa, pelas características é possível concluir que se trata dos primeiros anos da década de 1980.

Uma das conseqüências desta distribuição das cerâmicas no espaço físico urbano, como já foi observada anteriormente, refere-se aos problemas causados pelo transporte de argila dentro do perímetro urbano. Tem-se portanto, que a questão ambiental está diretamente relacionada, num de seus aspectos aqui apontados, com a questão da configuração do espaço físico urbano.

Conclui-se ainda que em virtude da própria natureza do sistema de acumulação de capital(acumulação de riquezas por parte de uma minoria em detrimento de uma maioria), explica-se o fato desta mesma atividade econômica, que contribuiu e muito para o desenvolvimento do município, também ser responsável por sérios problemas para com a população da cidade, como anteriormente foi colocado.

LEGENDA

01 - Praça Nossa Senhora do Rosário
02 - Cemitério
03 - 15°.B.P.M. e Policiamento Florestal
04 - Praça Landulfo Naves Cardoso
05 - Praça Celso Bueno
06 - Hospital Santa Terezinha
07 - Igreja Matriz de N. S. do Carmo
08 - Coop. Mista Agrop. de Monte Carmelo
09 - Estádio Sílvio Macedo
10 -Colégio N. S. do Amparo
11 –CEMIG
12 - Delegacia de Polícia
13 - Estação Rodoviária
14 - Bco de Crédito Real de Minas Gerais
15 - Cine Armeram
16 - Banco do Brasil S/A
17 - Caixa Econômica Federal
18 - Bco Mercantil de São Paulo
19 - Correios e Telégrafos - EBCT
20 - Casa Paroquial
21 - Caixa Econômica Estadual
22 - EMATER
23 - Escola Estadual Melo Viana
24 - Praça Getúlio Vargas
25 - Igreja Presbiteriana
26 - Prefeitura
27 - Biblioteca Pública
28 - Hospital e Maternidade Virgílio Rosa
29 - Ginásil Presidente Juscelino Kubitschek
30 - Frigorífico Alto Paranaíba
31 - Departamento de Obras da Prefeitura
33 - Forum "Tito Fulgêncio"
34 - CAMIG
35 - Estação Ferroviária
36 - Serv. Autônomo Água/Esgoto - SAAE
37 - Cerâmica Palissi
38 - 18ª. Residência Regional - DER
39 - Escola Estadual Elias de Morais
40 - Cerâmica N. S. do Carmo
41 - SAAE - Caixa d'água
42 - Escola Estadual Padre César
43 - Cerâmica Monte Carmelo
44 - Cerâmica Única Lassi
45 - Praça N. S. de Fátima
46 - Igreja N. S. de Fátima
47 - INCA - Indústria de Cerâmica
48 - Estádio "Paes de Almeida"
49 - Corticeira Minas Gerais Ltda
50 - Praça da Amizade
51-Gin. Poliesportivo Dep. Lourival B.Filho
52 - AABB - Assoc. Atlética Bco do Brasil
53 - Cerâmica União
54 - Cerâmica Brasil
55 - Cerâmica Nacional
56 - E.E. Cel. Virgílio Rosa
57 - Armazém CASEMG
58 - Subestação da CEMIG
59 - Cerâmica Triângulo
60 - Cerâmica Carmelitana
61 - Parque Exposições "Sérgio Pacheco"
62 - Agência do IBGE



CAPÍTULO 2

Os trabalhadores e seu meio: carências, identidade e organização coletiva

A preocupação fundamental neste capítulo foi a de procurar compreender os mecanismos que possibilitaram a construção de uma identidade coletiva, entre os trabalhadores cerâmicos de Monte Carmelo, bem como identificar alguns dos instrumentos utilizados pelos mesmos nos processos de organização e reivindicações coletivas, enquanto categoria profissional. Para isso, além de discutir o processo de desenvolvimento econômico e a emergência da industrialização cerâmica no município, já tradadas no capítulo anterior, tornou-se necessário também voltar o foco das atenções para as relações de trabalho estabelecidas no interior dessas indústrias, com destaque para os mecanismos de dominação e exploração presentes em tais relações; para as carências vivenciadas por esses trabalhadores e para as formas de organização desenvolvidas pelos mesmos na tentativa de superar tais adversidades.

2.1 A Realidade Vivenciada no Trabalho

Antes de penetrar no advento dos recursos tecnológicos empregados nas indústrias cerâmicas de Monte Carmelo, faz-se necessário historicizar a realidade vivenciada pelos seus trabalhadores até meados de 1980, quando novos maquinários possibilitaram perceber diferenças nas relações sociais até então engendradas.

É comum que se tome a atividade cerâmica de Monte Carmelo como sendo inaugurada a partir da primeira cerâmica (Cerâmica Nossa Senhora das Graças) instalada por Jorge Fernandes em 1932 e, posteriormente, a criação de duas outras cerâmicas, por iniciativa de outros pioneiros, como José Vieira Mundim Pena, Avelino Lassi e Nello Bosi, conforme colocado no capítulo I. Porém, se a atividade cerâmica, em termos industriais, nasce a partir dessas unidades fabris, a mesma atividade, em termos mais gerais, há muito vinha sendo praticada no município, principalmente pelas pessoas da zona rural que faziam uso da rica quantidade de argila encontrada em Monte Carmelo. Através do depoimento dado um pequeno agricultor, abaixo transcrito, verifica-se como a atividade oleira, praticada no meio rural, constituiu-se enquanto tradição oleira doméstica/familiar/rural:

"É uma lenha do cerrado, uma lenha, de casca, que dá fumaça, além dela ficá fraca ela inda fica meia preta, agora, se eles leva lenha de mato, nessa ocasião lenha de roçado, né? (...) derradera quemadura, então ia quentano ela, quando é na derradera embocadura que a gente fazia nos forno tinha que sê lenha de mato, aí clareava a teia que ficava tudo branquim, subia dois cumpanheiro em cima du'a teia dessa de costa, lá na olaria e ela num quebrava, subia um dum lado oto do outro, na berada dela e ficava gangorrano, (risos), tinha o 'Pedro' (...), que morava aqui na, no fundo do pai do 'Pedro', do avô do 'Pedro', é, ele comprô muita teia de nóis lá, então ele chegava lá ele era engraçado, *'Ah! Eu tô quereno umas teia, mas se elas num guentá nóis eu mais o Zé subi enriba delas elas num presta!'* (risos), *'Não, pode subi'*, pegava naquelas quemadinha, subia numa banda e na ota. Levava uma carrada de teia com carro-de-boi, daqui pra cidade, (...), punha uma porção de carro-de-boi levá teia lá pro (...), e num quebrava teia quase nenhuma (risos), muitas veiz caía nos buraco de todo jeito e elas guentava.
(...)Com meu pai, o meu pai é que ensinô nóis.
(...)Tinha, ele indês dele soltero ele mais o pai dele fazia isso aí.
(...)Aprendeu com pai dele, o pai dele, mudava praqui-prali, então tinha olaria num lugar, mudava pra outro, muntava uma 'olaria', né? Então ele aprendeu, mexê com isso, depois ele casô, montô uma olariazinha pra ele pra trabalhá na seca, por que na seca geralmente eles num tinha serviço, ficava assim meio à tôa, né? Então era fácil arrumá os companhero, depois, é igual eu tava falano, com a infruênça do emprego, esvaziô o meio rural, então foi difícil arrumá companhero assim, por que na verdade companheiro serve pra isso, (intervenção de terceiros), então tinha que sê uma, um povo que sabia mexê com aquilo, né? Aí ficô mais difícil de arranjá companhero, aí a hora que nóis cresceu o pai falô: *'A hora que os menino crescê eu vô mexê mesmo, mas é só com nóis, pra num sê preciso arrumá companhero'*, aí nóis trabaiô, depois começô casá, esparramá, aí já desanimô outra veiz, largô, mas ainda tem lá os trem tudo ainda, lá na casa da mãe.
(...)Não, era uns quatro meis, cinco.
(...)Não, teia, a gente fazia, por dia, era na base de quinhentas, seiscentas teia.
(...)É, trabaiano bem! Num era quarqué um que cortava, cascava quinhentas teia, era a base deles era trezentas, quatrocentas quando num era treinado."[20]

Anteriormente o processo de trabalho, quase artesanal, se caracterizava pela retirada da matéria-prima (argila) em barreiras, geralmente localizadas próximas ao perímetro urbano de Monte Carmelo, onde a extração era feita por funcionários que tinham como instrumentos de trabalho apenas, pás e enxadas, com as quais a argila era colocada em caminhões para ser transportada para as cerâmicas.

Nas cerâmicas, esta argila, também através de pás e enxadas, era colocada submersa em tanques com água afim de permitir o manuseio do barro ao longo da linha de produção. Esta consistia na colocação de porções retangulares de barro em prensas acionadas manualmente, de onde a argila processada adquiria o formato do

[20] Depoimento colhido por Antônio de Pádua Bosi junto ao Sr. Zé da Mata, na sede de sua propriedade rural - comunidade da Tijuca (Monte Carmelo/MG) - em 16/11/96, por volta das 9:00 horas.Realizada, e gentilmente cedida para este trabalho.

produto, após ser retirado o excesso manualmente, por meio de lâminas ou "pequenas facas". Em seguida, era transportada em carrinhos de madeira para o pátio onde secavam ao sol, afim de seguirem novamente sendo transportada pelos carrinhos para os fornos de queima. Após serem alojadas dentro dos fornos, estes eram hermeticamente fechados com a construção de uma parede, feitas por pedreiros, utilizando-se de tijolos e adobe. É pela queima nos fornos que o produto adquire suas características básicas de resistência e impermeabilidade. E finalmente os produtos eram conduzidos para o armazenamento em locais específicos no pátio onde aguardavam para o carregamento final em transportes que os conduziam para o mercado consumidor.

Todo esse processo, como os depoentes descrevem,

> "...Geralmente era dificultoso, né? Porque não tinha maquinário, era quase tudo manual, as prensa era manual, você tinha que bater o barro na prensa e forçar pra ele sair no modelo da telha, né? Não tinha carrinho pra transportar para o secador, nem secador existia, secava no sol"[21]
>
> "...As prensa era manual e para você desbarbear uma telha, era manual, com umas faquinha. Você cortava arredor das telha todinha"[22].
>
> "...Puxar barro. Ainda era no braçal, né? Nessa época ... pra encher picador tudo era na carroça, carroça de animal." ... "Ah! Aí era mais coisa. Já tinha que, cê tinha que por o barro curtir, encher o picador, por baixo ele era arroiado, sabe? Tinha uma rôia grande. Então a gente enchia d'água, hora que a água nivelava por riba do barro, passava ali uma meia hora, uma hora, tirava aquela rôia e aí sortava a água, no outro dia cê trabalhava aquele barro. Barro já mais curtido, sabe?"[23]
>
> "Ia de caminhão de carroceria. Ia quatro pião, cortava o barro todinho na pá, manual, inchia o caminhão, chegava, descarregava todinho na pá também, manual. É, dava três, quatro viagem por dia."[24]

Uma nova etapa no processo de industrialização cerâmica é marcada com a aquisão de maquinarias, a partir da qual a caracterização do processo produtivo passa ser a seguinte:

---

[21] Depoimento colhido pelo autor em 17/09/95

[22] Depoimento colhido pelo autor em 19/10/95

[23] Depoimento colhido pelo autor em 10/02/96

[24] Depoimento colhido pelo autor em 19/10/95

BARREIRA: local do qual é extraído a argila ou barro, localizada geralmente em fazendas em que o proprietário vende o direito de exploração da matéria-prima localizada em alguma faixa de terra da propriedade. Sendo esta faixa sondada afim de quantificar a argila a ser extraída. A extração é feita por máquinas escavadeiras (foto 01).

TRANSPORTE: feito em caminhões, carregados pelas máquinas que fazem a extração, até os depósitos das cerâmicas.

NAS CERÂMICAS: a argila é estocada em depósitos localizados, tanto no interior da mesma, quanto fora, desde que fique num raio bem próximo da mesma.

A MISTURA: é o primeiro passo a ser dado para colocação da matéria-prima na linha de produção, dado que a qualidade e textura da argila é variada, e para obter a qualidade e o padrão do produto faz-se necessário tal mistura processada por tratores (foto 02).

CAIXÃO DOSADOR (foto 03): local onde a argila misturada é colocada para que seja dosada a quantidade a ser transportada nas esteiras. É o início propriamente dito do processo de transformação da matéria-prima.

DESINTEGRADOR: máquina onde o barro transportado pela esteira é colocado afim de fragmentar as grandes porções de argila concentrada (torrões de barro).

LAMINADOR: após a fragmentação, seguindo em condução pela esteira, o barro despejado nesta máquina é cortado, transformando-se em pequenas massas bem finas.

MISTURADOR: novamente o barro é misturado nesta máquina, afim de dar maior homogeneidade e também ser umidecido de acordo com a exigência necessária para se ter tal homogeneidade.

MAROMBA (foto 04): máquina encarregada de compactar o barro em forma de cilindros.

CORTADOR (foto 05): encarregado de cortar o barro compactado em cilindros de acordo com o tamanho necessário para cada tipo de telha produzida.

PRENSA (fotos 06, 07 e 08): máquina que comprime o cilindro de barro, dando-lhe a forma de telha.

VAGONETA (fotos 09, 10 e 11): pequeno vagão utilizado para o transporte da telha após ser retirada da prensa.

SECAGEM: local onde se dá o processo de secagem da telha, constituindo-se de um espaço retangular, onde ventiladores (há cerâmicas onde o sistema de ventilação é auto-viajante, o que permite uma redução do número de ventiladores) encarregam-se de espalhar o ar quente proveniente dos fornos de queima, por meio de canais contruídos no solo.

FORNOS (foto 12 e 13): locais onde é feita a queima da telha objetivando dar resistência e impermeabilidade ao produto.

DEPÓSITO OU PÁTIO (fotos 14 e 15): espaço reservado para as telhas retiradas do fornos após o esfriamento, até que sejam colocadas em caminhões que farão o transporte até o local de comercialização

O.b.s. - a fabricação de uma telha dura em média 5 dias.



Foto 01



Foto 02

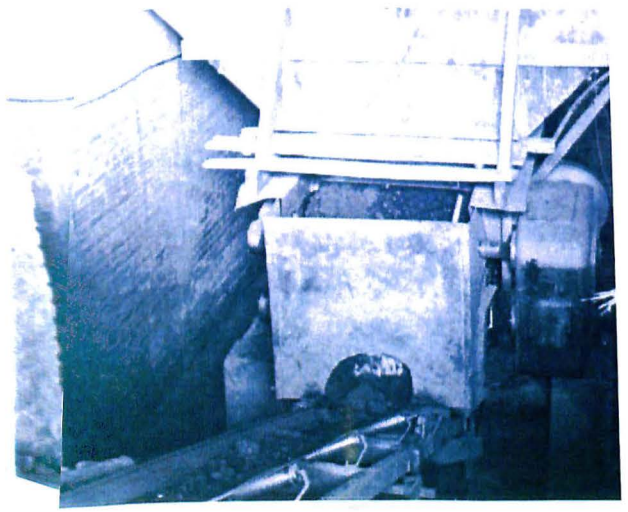


Foto 03

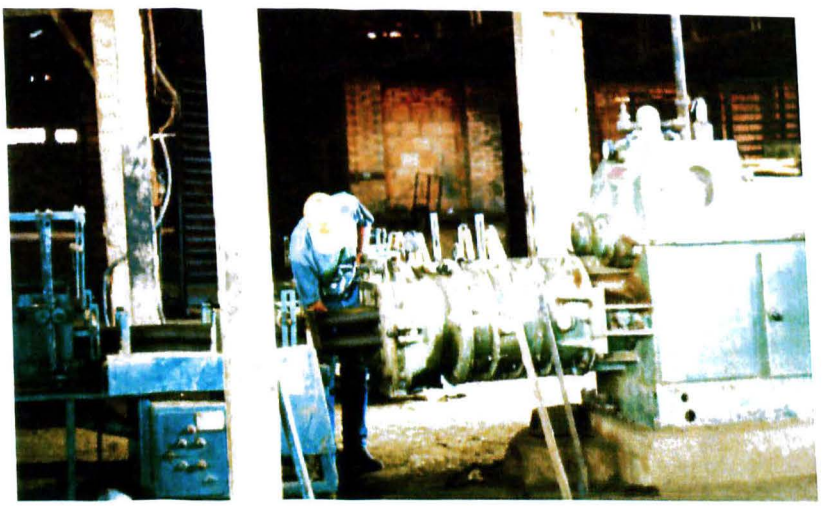


Foto 04



Foto 05



Foto 06



Foto 07



Foto 08

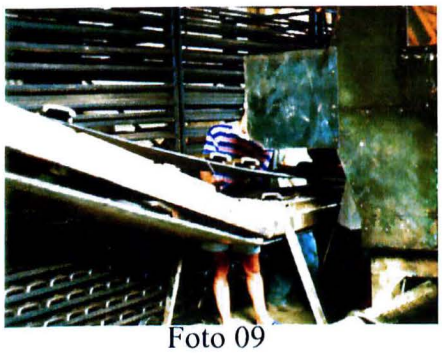


Foto 09

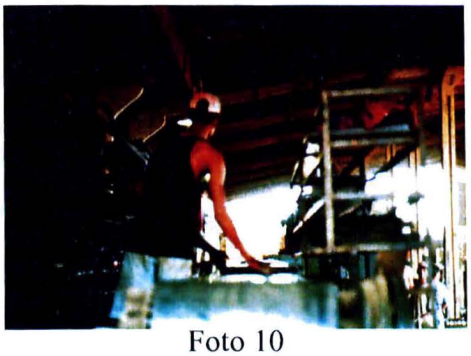


Foto 10



Foto 11



Foto 12



Foto 13



Foto 14



Foto 15

Tais equipamentos modificam não só as relações sociais de produção como também a forma do trabalhador perceber a si mesmo em relação as suas tarefas, avaliando-as.

As transformações acima referidas, por si só, não são capazes de garantir uma maior rentabilidade produtiva, é preciso, pois, modificações nas próprias relações entre capital e trabalho, nas quais os valores e formas de percepção e realização do trabalho trazidas do meio rural pelos antigos oleiros sejam quebradas. Nesse sentido, uma racionalização da produção torna-se parte constitutiva e imprescindível ao processo aqui tratado.

Através de depoimentos constata-se que as experiências vivenciadas por trabalhadores, que exercem atividades em cerâmicas desde o tempo em que a produção era toda artesanal, dão um sentido positivo ao emprego da tecnologia. Essa positividade, entre outros fatores, está associada à constatação empírica da diminuição da labuta, quando da passagem do trabalho de produção da telha num processo artesanal para um processo onde já se faz uso de toda uma rede de máquinas.

Dessa forma, a concepção valorativa dos recursos tecnológicos, proferida pelo discurso capitalista, utiliza da árdua realidade experimentada pelos cerâmicos, configurando numa eficaz forma de dominação, pois gera nos trabalhadores a expectativa de que este é o caminho a ser percorrido na busca da diminuição da fadiga do trabalho.

> "(...) Segundo que os colega da gente, que a gente arrumou aí, fala, da época que eu começei pra cá, ela já desenvolveu bem, mas num ritimo muito lento, ela tinha que desenvolver mais, da mais condição pro trabalhador, trabalhar mais solto, mais livre, é o que tá faltando, faltando tecnologia."[25]

> "(...) gastava, gastava mais gente, mais tempo ... cê tinha que curti o barro, cê tinha de pô ele no picadô e enchê ele todinho d'água, pra dispois cê ... sortáva aquela água, iscurria, pra ele firmá. Dispois, cê põe ele na pá, leva ele na pá e punha numa correia transportadora, né? Que caía nas máquina. Agora hoje não! Cê joga dentro de um caxote, cê não põe a mão em nada, só máquina mesmo!"[26]

[25] Depoimento colhido pelo autor em 17/09/95

[26] Depoimento colhido pelo autor em 19/10/95

Não obstante, a valorização positiva da tecnologia possa, à primeira vista, se apresentar como um argumento lógico à medida em que teoricamente proporciona a diminuição do esforço físico e mesmo do tempo de trabalho do homem, sabe-se, de antemão, que os objetivos do capitalismo nestas condições é muito mais lograr lucros e mais-valia, por meio de um produto mais qualificado e até com menores custos quando jogado no mercado, o que lhe permite um maior grau de competitividade. Ou seja, não que a tecnologia não possa ser aplicada com objetivo de diminuição do trabalho humano, liberando mais o trabalhador. Entretanto, a realidade da implementação de recursos tecnológicos na produção cerâmica ocorreu quando a mesma foi se mostrando potencialmente rentável, em outras palavras, como forma eficaz de maximizar a rentabilidade desse setor produtivo, o que é próprio da realidade do modo de produção capitalista[27].

Nesse sentido, pelos relatos dos cerâmicos pode-se ainda verificar que o espaço da produção tecnificado é um *locus* privilegiado da dominação e da exploração, onde a lógica do capital melhor faz uso de seus tentáculos disciplinarizadores e normatizadores, tanto que, sempre que possível, os trabalhadores buscam realizar atividades fora desse espaço, ou pelo menos em horários em que a vigilância da produção é mais flexível. Como nos revela o relato seguinte:

> "(...) depois que parou esse negócio de serviço braçal, de encher caminhão de pá, que entrou essa coisa, eu passei a queimar, queimar de dia. Depois eu resolvi e passei a queimar a noite, achei melhor, aí larguei. Agora se voltasse o serviço de puxar caminhão de barro eu queria puxar caminhão de barro. É um serviço pesado, um serviço bruto, mas um serviço divertido, cê diverte. Cê tá lá no meio do mato lá, rancando barro lá, aquilo ali tá bão. Tem mais liberdade. Não tem ninguém vigiando, não tem ninguém amolando ocê, ali tá ocê, ocê que tem de dá conta daquele serviço, né? É muito melhor. Cê tá andando é assim, tá divertindo, é, eu gosto é assim. Não, dentro de cerâmica não vai não sô! Eu larguei de trabalhar de dia foi por causa disso. É, a gente fica mais obrigado lá. Agora de noite não, de noite eu tô lá, ponho lenha lá, saio... de fora, rolo lá, ando, torno a voltar, cuidando do meu serviço lá e andando. É melhor, passa o tempo."[28]

[27] Para maior compreensão da utilização da maquinaria nas indústrias, ver:
MARX, Karl. **O Capital**. livro I, volume I, 7ª ed, S.P., Difel, 1982. Especialmente o capítulo XIII, "A Maquinaria e a Indústria Moderna".

[28] Depoimento colhido pelo autor em 09/11/95

Esses mecanismos de dominação e exploração, próprios do modo de produção capitalista, podem ser visualizados nos métodos de gerência científica implementados a partir da racionalização aplicada à esfera da produção. Para uma compreensão do significado da gerência científica no mundo do trabalho, os escritos de Harry Braverman[29] e Júlio César Neffa[30], cumprem satisfatoriamente tal proposta. Isto, uma vez que, estes dois autores, permitem localizar questões como o surgimento da gerência científica, a organização do trabalho e a desqualificação dos trabalhadores, bem como, tratar o fordismo como significativo empreendimento e marco no processo de desenvolvimento das relações de trabalho, averiguando as principais mudanças introduzidas por essa forma de se conceber a produção e as suas conseqüências para a vida dos trabalhadores.

Nas cerâmicas de Monte Carmelo o desenvolvimento de técnicas de administração da produção também passou a se mostrar como uma necessidade para a expansão dos lucros. Desta forma, uma nova figura, com características singulares, passa a chamar a atenção dentro do quadro dos funcionários, o gerente de produção. A atenção para com a presença desse funcionário se justifica pelo seu papel de intermediador entre os funcionários e os donos de cerâmicas, e pelo momento em que a presença do mesmo se faz necessária.

Segundo relatos dos entrevistados, o gerente de produção é uma figura que, nos primeiros momentos de consolidação do parque cerâmico de Monte Carmelo, se faz presente na pessoa do proprietário da cerâmica, procurando, acima de tudo, transmitir uma imagem como a de um trabalhador como outro qualquer e que ainda deveria ser compreendido como empresário quando falhasse no cumprimento das obrigações trabalhistas, pois enfrentava sérias dificuldades financeiras:

> "(...) Ele também trabalhava, até ele trabalhava nessa época, o dono. Quando ele começou era apertado pra ele, até ele trabalhava junto de nóis. Muitas vezes nóis trabalhava, ele trabalhava tinha hora, outra hora ele cançava, largava...Diária ele reclamava pra gente que não táva bão, diária ele reclamava pra mim, eu falava: '

---

[29] BRAVERMAN, Harry. **Trabalho e Capital Monopolista**. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1981.

[30] NEFFA, Júlio César. "El Fordismo". In: **Processo de Trabajo, Division del Trabajo e Nuervas Formas de Organization del Trabajo**. México: Sec. del Trabajo y Preservision social/Inst. Nac. de Estudos del trabajo, 1982

> Que diabo senhor Zé! O senhor trabalha e nunca falou pra nóis que tá bom!' E falava: 'É porque não tá, da bem dizer pra despeza e essas coisa'."[31]

Cabe ainda considerar que na criação do posto de gerência de produção teve-se a preocupação de no preenchimento desta vaga se estabelecer um vínculo de lealdade do funcionário com o patrão. Em um outro relato, o entrevistado mostra como isso se dava:

> "(...) O patrão saia e tal, ele trabalhava junto com nóis. Só que ele comandava, hora de pegar, hora de parar, quando ele terminava aquele serviço, que as vezes tinha telha lá no terreiro, táva chuvendo, ele falava: 'opa! vamo parar, vamo lá'. Aí ele me convocou à gerência, mas eu continuei trabalhando também. Aí na época já foi aumentando mais, aí ele falou: 'não, agora cê já não pode trabalhar mais, cê vai ter que tomar conta'. Aí panhou confiança, inclusive nem relógio eu tinha, eu usava o relógio dele, relógio de estimação dele. Aí quando a filha dele casou, já mudou de, da cidade, aí eu passei a tomar conta da cerâmica todinha, que aí ele, aí ele ficava no escritório e eu tomava conta da produção"[32]

É interessante perceber a própria concepção do cargo de gerência que se construiu, e que pela fala acima está evidenciada. Primeiramente é um cargo onde a atividade desenvolvida não exige um esforço físico como o daqueles que estão em contato direto com as máquinas da linha de produção, portanto, caracteriza-se o gerente como alguém que não está trabalhando. Depois, é um cargo marcado pela relação de lealdade que se estabelece para com o empregador, o que se dá pela relação mais direta e pessoal com o patrão, e ainda, pela melhor remuneração comparando com qualquer outro posto da linha de produção, como se verifica na fala de um gerente:

> "(...) Então, na, depois que já surgiu esse negócio de grevinha e tal, eu já não ia pro lado deles, né? Porque eu ficava prensado entre o empregado e o patrão, então quando eles queriam, as vezes eles até falava comigo: 'vamos lá, você é o mais velho, você que é o gerente e tal'. E eu falava: 'não, eu não posso ir porque eu já ganho mais, então eu não posso entrar no meio de vocês'. Porque o gerente, ele tá prensado entre os companheiros de trabalho e o patrão, ele tem que puxar pros dois."[33]

---

[31] Depoimento colhido pelo autor em 10/02/96

[32] Idem.

[33] Ibdem.

É ainda um cargo que exige um grau de responsabilidade maior do que todos os outros, e muitas vezes é essa a causa justificada para não se aceitar o mesmo:

> "(...) Oh! Pra mim falar a verdade, gerente não serve. Não, é um cargo muito pesado e a responsabilidade muito grande. E eu pelo menos, deixei de trabalhar de gerente, passei pras máquinas. Eu cuido das máquinas, lá é um cargo maneiro. Agora ser gerente ..., é um trem pesado, é uma responsabilidade muito grande. Todo defeito que sai no material sai em cima do gerente."[34]

Assim é possível visualizar os ceramistas se apropriando de valores, tais como: a lealdade, responsabilidade e solidariedade, próprios desses trabalhadores (em sua maioria de origem rural) objetivando impregnar a pessoa do gerente com uma carga de afinidades positivas para que o mesmo pudesse ter uma boa receptividade por parte dos cerâmicos. Isso possibilitou que a antiga relação de "compadrio" e "paternalismo" entre proprietários rurais e agregados, no meio rural, passasse a ser intermediada pelo gerente, agora deslocada para o meio urbano, mais especificamente no interior do parque cerâmico.

Dentro desta discussão que se tem feito ao longo deste item, observando os mecanismos de dominação e exploração, com especial atenção para o uso que se faz de processos de racionalização na esfera da produção, o que mais se destaca são as condições enfrentadas pelos cerâmicos. Dentre elas pode-se destacar a baixa remuneração, como comprova os dados colhidos junto a 23 cerâmicas pela Associação de Ceramistas de Monte Carmelo, no ano de 1992.

Tabela III

RELAÇÃO DOS TRABALHADORES QUE GANHAM ACIMA E ABAIXO DE 2 SALÁRIOS MÍNIMOS					
Cerâmicas	Total	acima	%	abaixo	%
23	2.319	641	27.7	1.678	72.3

FONTE: Associação de Ceramistas de Monte Carmelo.

Outro aspecto que também merece atenção especial, mesmo considerando a modernização do parque cerâmico, diz respeito às péssimas condições de trabalho vivenciadas pelos cerâmicos. Essas são claras evidências dos reais interesses que guiam os proprietários das cerâmicas, ou seja, a busca incomensurável por aumento da

[34] Depoimento colhido pelo autor em 19/10/95

taxa de lucro. Nesse sentido, a fala de um cerâmico ilustra bem algumas situações enfrentadas diariamente pelos trabalhadores nessas indústrias:

> "(...)Condições precárias, né? Nem material pra trabaiá tinha direito, as coisa tudo velha, trabalho currido sem pará, os turno era tudo bem currido...Quando quebrava alguma coisa assim, tinha de pagá hora a noite. Ou eles faziam ora extra também a noite...Agora já tem, mas antes era água de torneira, todas as cerâmicas eram com água de torneira. Banheiro não tinha, era casinha, sabe? ... Trabalhador de cerâmica é tudo gente simples, gente humildi, era gente que trabalhava ali porque pricisava e não tinha otro imprego pra trabalhar, porque sirviço de cerâmica é muito pesado pra todo mundo. Então eu acho que quem faiz isso é quem pricisa mesmo trabalhar, é muito pesado..."[35]

As fotografias 06, 07, 10 e 11 revelam alguns detalhes das condições enfrentadas na linha de produção pelos cerâmicos. Nestas imagens, feita no setor das prensas, observa-se primeiramente que nenhum dos indivíduos está devidamente uniformizado, pelo contrário, todos estão portando vestimentas inadequadas para a realização das tarefas junto a um maquinário marcado pelo alto número de acidentes. Ou seja, como não há o interesse dos cerâmistas em fornecer as vestimentas e os equipamentos básicos de segurança ao trabalhador, o mesmo faz uso do material que lhe é disponível para que possa enfrentar o trabalho.

Esta situação tem sido responsável por casos de acidentes de trabalho, muitas vezes marcados por finais trágicos, tal como o caso relatado:

> "(...)Aí eu táva trabalhando lá e eles naquela, trabalhando de dia, não quis trabalhar a noite não, foi trabalhar de dia. Depois um dia o Geraldo Cardoso chegou lá pediu pra mim rancar um barro pra ele ... lá no fundo da cerâmica. Falei: 'Tá, eu vou arrancar o barro pra ocê'. Desci pra lá e fui rancá o barro. Lá eu almoçei lá mesmo, nem cá na cerâmica eu não vim. Eu táva lá, eu e um outro companheiro, o João Caetano que era meu companheiro. E eu escutei uns grito na hora em que ligou os maquinário. Então eu fui, fui correndo vê o que que era, cheguei lá táva o povo correndo tudo e eu cheguei lá, fui vê o que que era ... umas roda que tinha lá, eles dexaram a roda destampada, pegou um vestido duma menina, ela chamava Terezinha, e dobrou ela, nela dobrar, a roda pegou ela assim, cortou ela daqui pra baixo assim, só ficou a cabeça e os pé... Era do celindro. Então duas corre, a do meio corre ao contrário, sabe? Então pegou ela, ela caiu e a roda pegou ela cortou ela tudo, só ficou os pé e a cabeça dela. E hora que eu cheguei lá, o povo tudo esparramou tudo. Eu cheguei mais o João Caetano. O João Caetano falou: 'mas a ondé que foi esse grito?' Falei: 'Ali oh! A cabeça da menina'. Ela táva com quatorze ano. Aí eu fiquei lá e nisso o Geraldo Cardoso chegou, a polícia chegou, foi fazê lá e mexê lá, foi tirá aquelas coisera tudo, fez uma troxa, tipo de troxa de ropa e trouxe ela pra cidade pra enterrar. Aí é que ele acabou a cerâmica e eu passei a trabalhar a noite, todo mundo com medo que a menina

[35] Depoimento colhido pelo autor em 02/11/96

> ia aparecer lá pra eles, que isso, que aquilo. Falei: 'Não gente! ela não vai aparecer pra ninguém não, ela é uma coitadinha'. O Geraldo Cardoso veio pra cima de mim, falou:'Ah! Cê vai trabalhar a noite primeiro?' Falei:'Vou, omeno uns dia por uns tempo eu vou'."[36]

Em outro depoimento, o entrevistado revela os tipos comuns de acidentes, inclusive o que ele próprio sofreu, e o grau de gravidade dos mesmos. E, em seguida, tem-se falas denunciando o setor das prensas como o local de maior incidência de acidentes principalmente em virtude da alteração que os ceramistas fazem nas prensas, afim de aumentar o número de peças produzidas por minuto:

> "(...)Uai! Geralmente igual eu te mostro minha mão...Acidente é daqui pra cima. Isso aqui foi num laminador...É, laminador é de laminar o barro, a argila...É o cilindro que eles fala, é o laminador. Nem não foi um vacilo, é que tinha uma pedra e não pode deixar dentro dele, estraga o cilindro, então eu peguei uma ripa pra não atrasar, o barro, levei a mão, pegou a ripa e minha mão todinha...Hoje, uma prensa hoje produz nove mil telha por dia...É,passou elétrica, né? Cê vê uma prensa hoje ela, a base que ela vem de fábrica é quinze telha por minuto. Aí os gerente vai lá, geralmente todo industrial, dono de cerâmica, envenena ela, passa pra vinte, vinte e uma telha por minuto...Aumentam, troca a pulia da prensa, aí aumenta a rotação."[37]
>
> "(...) Sempre, acidente sempre tem, mas é sempre na parte do maquinário, né?"[38]
>
> "(...) É, nas prensa.Nas prensa. Então a roda, ela gira, as forma gira, aí vem pra expremer o barro. Na hora dele batê pra expremer o barro aí pega, não pode descuidar que pega o dedo. Aí se pegá o dedo, cabou. Então não pode descuidá, tem que trabalhar com os olhos vivo. Ela dá, vamos dizer, ela gira, ela vem, sunga, expreme o barro, depois ela torna voltar. Agora nela sungá e a pessoa ficá com a mão segurando o barro com os dedo esticado é a hora dele descê, é a hora dele cortá. Aí o perigo é esse. Muita atenção, todo serviço de cerâmica é perigoso"[39]

Para agravar ainda mais a realidade vivenciada no trabalho pelos cerâmicos, dados da própria Associação dos cerâmistas revelam que há por parte dos ceramistas uma grande disposição de não cumprimento dos direitos básicos dos trabalhadores (gráfico VII), como no caso da assinatura da carteira de trabalho, sem a qual os cerâmicos ficam mais vulneráveis às conseqüências das condições de trabalho anteriormente relatadas. Pois, desta forma, estão esses trabalhadores desprovidos da

---

[36] Depoimento colhido pelo autor em 09/11/95

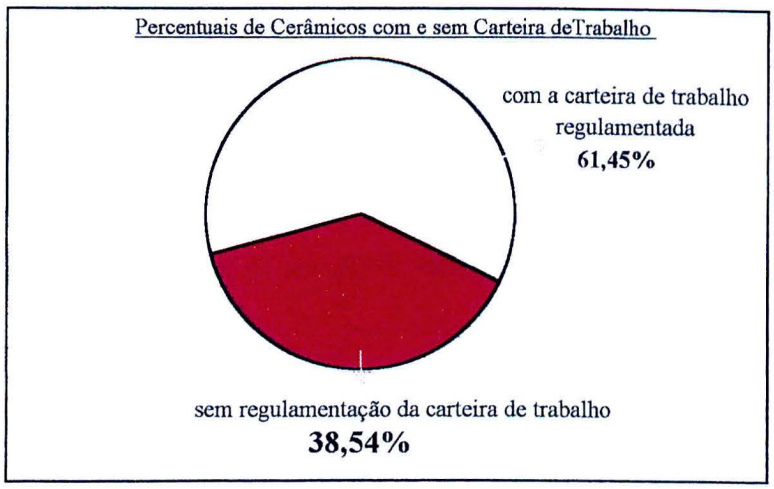
[37] Depoimento colhido pelo autor em 19/10/95

[38] Depoimento colhido pelo autor em 17/09/95

[39] Depoimento colhido pelo autor em 09/11/95

condição legal que lhes assegura os benefícios sociais garantidos pelo registro da carteira de trabalho, tais como férias, fundo de garantia por tempo de serviço, aposentadoria, seguro desemprego, e dentre eles, as próprias indenizações pelos acidentes de trabalho.

Gráfico VII



FONTE: Associação de Ceramistas de Monte Carmelo.

Sobre esta questão do cumprimento das obrigações trabalhistas por parte dos ceramistas, fica claro o conflito de interesses dos mesmos para com os cerâmicos, como retrata um artigo publicado num jornal local. Jornal este que, quando analisado, permite verificar que o mesmo possui um alto grau de comprometimento para com os próprios ceramistas, pois há como indício disto, a própria postura política que norteia os editoriais, ou ainda, cerca de 40% dos patrocinadores são proprietários de cerâmicas, ou seja, são os próprios ceramistas, como já destacado anteriormente.

O artigo anteriormete referido, trata das conquistas trabalhistas asseguradas pela constituição Federal de 1988, e dentre outras coisas, coloca que:

> " Como se sabe, foi aprovado recentemente, dentre outros itens, uma carga horária de 40 hs. por semana, criação da licença paternidade e maiores percentuais para pagamento de férias e horas extras.
> ...Em um País onde tudo está por ser feito, onde as conquistas tecnológicas não são, em grande parte, uma realidade, onde há grandes extensões por plantar e construir, não podemos de forma alguma concordar com a redução da carga horária. Tal redução, que em princípio foi chamada de 'conquista do trabalhador' por alguns Constituintes, não passa em verdade de mais um presente de grego, senão vejamos: Com a redução da carga horária, as empresas produzirão menos, os preços se elevarão; Os trabalhadores não ganharão mais, pois não há condições de aumentos salariais com produção pequena,...Também a criação da licença paternidade, da elevaçào dos

> valores das horas extras e de outros artifícios com os quais o trabalhador ganhará salário diferenciado com menos horas de trabalho, certamente constituirão grande causa pra que novas empresas jamais sejam criadas, especialmente as micro e médias. Em um País onde os próprios constituintes, deputados conhecidos nossos, não cumprem sua carga horária na votação da Carta Magna, ..., era mesmo de se esperar que seus trabalhos resultassem em decisões que não interessem verdadeiramente ao povo trabalhador e à Nação, o que infelizmente nos trará mais prejuízos e desempregos."[40]

É, portanto, diante deste quadro explícito de dominação e exploração por parte de um grupo elitizado, de pessoas que detêm os meios de produção cerâmica, que se encontra a reação dessas pessoas exploradas com vistas a conquistarem um meio onde possam minimamente desfrutarem da sua existência. Assim, procurar-se-á adiante, perceber como este processo de luta por parte desses trabalhadores cerâmicos têm-se dado.

2.2 Carências, tradições e reivindicações como elementos constituintes da identidade social

> *"As pessoas se encontram em sociedades estruturadas em modos de produção, experimentam a exploração, identificam pontos de interesses antagônicos, começam a lutar por essas questões e no processo de luta se descobrem enquanto classe. A classe e a consciência de classe são sempre as últimas, não as primeiras fases do processo real histórico"*
>
> Edward P. Thompson

A relação entre valores oriundos do meio rural e as transformações ocorridas no interior do parque cerâmico de Monte Carmelo não pode deixar de ser considerada à medida em que os cerâmicos, em sua maioria, possuem, direta ou indiretamente, estreitos laços com o meio rural, além do que, como expressa Raymond Willians *"(...) campo e cidade são palavras muito poderosas, e isso não é de se estranhar, se aquilatarmos o quanto elas representam na vivência das comunidades humanas."*[41] E como complementa Machado: *"a relação campo e cidade não é apenas um problema*

---

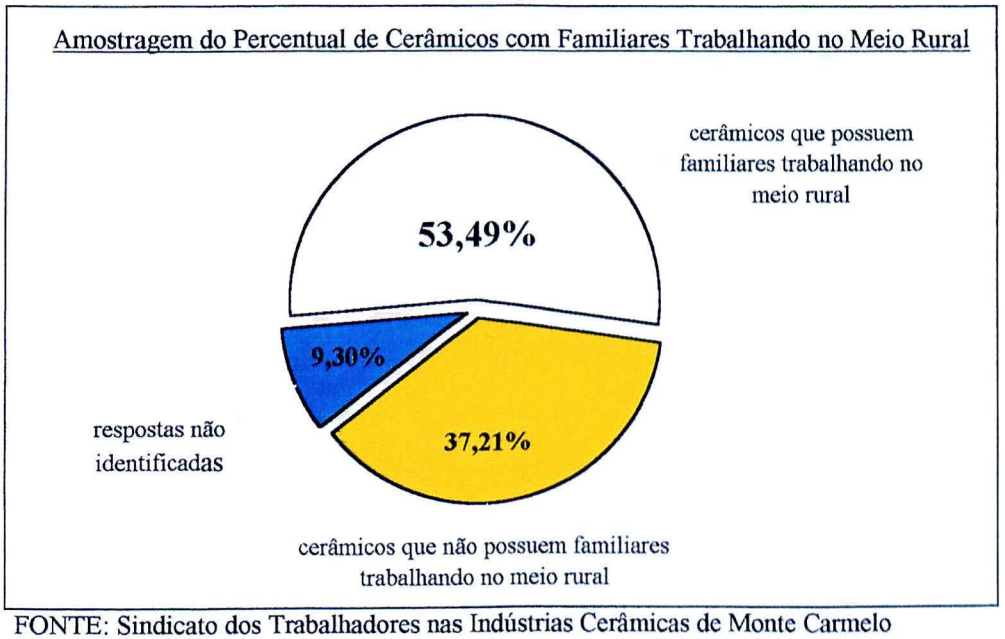
[40] Jornal Alerta Geral, n°24:1, fevereiro de 1988, **Consequências da Constituinte.**

[41] WILLIANS, Raymond. **O campo e a cidade:** na história e na literatura. São Paulo: Cia das Letras, 1989. pp.12-13.

objetivo e material da história, mas é, para milhares de pessoas hoje e no passado, uma vivência direta e intensa."[42] Nesse sentido, essa relação campo/cidade mantém laços de permanente interação.

A própria atividade cerâmica estava sendo empreendida por um quadro de trabalhadores, os quais davam seus primeiros passos neste ramo de atividade. Esse quadro de trabalhadores, em sua maioria, eram egressos do meio rural, em função das profundas alterações, principalmente de cunho econômico, que se processavam na região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba. Nesse sentido é bastante ilustrativo o gráfico abaixo, cujos dados evidenciam que, decorridas aproximadamente duas décadas após o momento histórico aqui referido, continua a haver uma estreita ligação dos trabalhadores cerâmicos com o meio rural, no qual se encontram trabalhando os familiares de muitos destes cerâmicos. Esse dado isolado seria irrelevante não fosse a constatação de que essa origem rural acaba por determinar práticas eminentemente vinculadas à mesma.

Gráfico VIII



FONTE: Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Cerâmicas de Monte Carmelo

Assim, pode-se tomar exemplos destas práticas na representação que determinados emissores de discurso (no caso a imprensa local) elaboram sobre essa população de origem rural:

[42] MACHADO, Maria Clara Tomaz. "Cultura popular em Minas Gerais: transformações, resistências ou desagregação". In: **Tempos Históricos**. Cascavel: Edunioeste, v1, n1, 1999.

> "FALTA DE HIGIENE - Em toda cidade é proibida a criação e engorda de porcos e frangos no perímetro urbano, existe uma lei de saúde pública para coibir tais coisas. Só que aqui em Monte Carmelo, existe uma grande criação de porcos e granjas nos quintais, além de atrair moscas e epidemias, ainda exala grande fedor, perturbando os vizinhos. Quem sabe a prefeitura desse uma fiscalizada e acabasse de vez com isto... Tá dado o recado.."[43]

> "CHIQUEIROS - Nossa cidade é privilegiada com os criatórios de suínos dentro do perímetro urbano, pois toda a cidade está infestada de chiqueiros, prejudicando muita gente, o que é pior o prefeito muito tem investido em saúde, mas do que adianta tanto investimento se não há fiscalização e proibição dos referidos criatórios de porcos. Além do mau cheiro que exala, prejudica a saúde de um povo. Esperamos providências"[44]

Desconsiderando a carga de preconceito presente neste discurso, eminentemente urbanizante, percebe-se que parte significativa da população mantém práticas de subsistência, quais sejam, a criação doméstica de animais, que sem dúvida, é uma reminiscência das práticas campesinas.

Outra prática associada ao meio rural diz respeito às pescarias, como forma de lazer muito comum entre os trabalhadores cerâmicos e no meio da população em geral. Vejamos como um cerâmico se refere as mesmas:

> "O meio de diversão mió que eu acho na minha vida até hoje é eu tá na beira de um rio pescando, divertindo. eu não bebo, não jogo, não gosto. (...) Mas, o que tem mais, eu falo assim: 'Hoje eu tô alegre', é na beira de um rio"[45]

Esta mesma prática de lazer evidencia um conflito entre a disposição normatizadora dos ceramistas e uma resistência dos cerâmicos à mesma, quando da participação dos ceramistas no lazer desses trabalhadores. Isso fica evidenciado na fala de um cerâmico, acerca da cessão de um caminhão da cerâmica, para levá-los a uma pescaria:

> "Ruma, mas é um...nem não paga a pena você mexer. É tanta encomenda, quer não que pinga, que não quer..., não quer muita gente, que isso, que aquilo. ...Então, quase ninguém ocupa o caminhão da cerâmica. Muita amolança, não vale a pena."[46]

---

[43] Jornal Alerta Geral, n° 16:3, jun. 1987, **Falta de Higiene.**

[44] Jornal Alerta Geral, n° 21:3, nov. 1987, **Chiqueiros.**

[45] Depoimento colhido pelo autor em 09/11/95

[46] Idem.

Ou seja, pela fala acima, nota-se que nem todos os trabalhadores se sujeitam às regras de lazer pré-determinadas pelo patronato, preferindo deixar de ir pescar no caminhão da cerâmica para ir de bicicleta ou por outro meio de transporte por eles mesmos organizado, fugindo à normatização apregoada pelos patrões e, também, podendo fazer uso de bebidas alcóolicas, o que não seria possível no lazer "programado" pelos empresários. Fica claro até o presente momento dois pontos: o primeiro, a tentativa do capital de disciplinar permanentemente os trabalhadores e inseri-los em sua lógica; já o segundo, se refere às formas de resistências que os trabalhadores cerâmicos organizam contra estas normas de disciplinarização. Da mesma forma pode-se tomar como forma de resistência a prática da criação de animais no meio urbano, mencionada anteriormente, pois choca-se frontalmente com o discurso urbanizador e progressista da imprensa local.

Várias outras práticas, como manifestações religiosas, o jogo do truco, o gosto pelas músicas sertanejas e festas populares são testemunhos, também, de valores culturais singulares carreados do campo para a cidade. Nesse sentido, concordar-se com Telles que: *"Talvez seja interrogando essa singularidade que se tenha condições de verificar os elementos do passado que se projetaram no presente. Pois os acontecimentos criam significados que transcendem o momento de seu aparecimento. Transformam-se em pressupostos que de uma nova realidade instituída e continuam, por isso mesmo, a interpelar o presente enquanto valores e referências corporificadas em práticas e discursos que contribuem para tecer a trama da ação por onde a história se realiza."*[47]

Ao buscar tratar de elementos que se consubstanciam na formação da identidade social dos cerâmicos, não poderia deixar de mencionar as reivindicações com um dos momentos mais expressivos desse processo. Para tanto, inicialmente é preciso tratar de uma historicidade das relações estabelecidas entre os trabalhadores das cerâmicas. Desta forma, tem-se que no momento em que ocorria a efetivação da atividade cerâmica enquanto potencialmente rentável, as relações de sociabilidade

[47] TELLES, Vera da Silva. "Anos 70: experiências, práticas e espaços políticos". In: KRISCHKE, P., e MAINWARING, S. (orgs.). **A Igreja nas bases em tempo de transição**. Porto Alegre: LPM/CEDEC, 1986.

estabelecidas entre os cerâmicos se deram de maneira bastante diversa do que posteriormente viria a ocorrer. A convivência estabelecida nesse primeiro momento é marcada por um ritmo de trabalho onde o desgaste físico se dava de maneira espantosa. Observa-se, neste momento de consolidação da atividade cerâmica, uma prática marcada pelo estranhamento entre os próprios trabalhadores. A esse respeito, as falas seguintes são bastante ilustrativas.

> "(...)Não, de primeira era, não tinha esse negócio não. Lá cê morria de trabalhar. Se sofresse uma dor lá cê tinha que dar um jeito porque não tinha que não tinha quem socorresse, era desse jeito... É porque era assim, por causa que tinha medo de conversar com os outros, né? Era separado, um trem esquisito. Nós saía daqui e ia pra lá da Abadia buscar barro, conversava alguma conversa com o chofer, mas o outro ajudante não falava nada, era o trem mais esquisito. Era difícil, é difícil de compreender o tipo de conviver com a pessoa, era custoso."[48]

> "Antigamente sô! Era custoso, no início, aqueles mais velhos queria bater nos outros, ganhava mais, encrencava, era uma dificuldade. Depois foi se educando."[49]

Não obstante essa situação, no decorrer do processo de consolidação das cerâmicas essas relações entre os cerâmicos se modifica, caminhando para uma nova realidade cuja principal característica passa a ser os laços de solidariedade paulatinamente construídos, à medida em que esses trabalhadores passam a reconhecer neles próprios um conjunto de elementos que os identificam. Tendo como ponto em comum as mesmas dificuldades experimentadas no trabalho das cerâmicas, os laços de solidariedade nascem, em muitas das vezes, dentro do próprio espaço de produção:

> "(...)Eles conversa assim, na hora do almoço eles senta, conversa, bate um papo, troca idéia...É. Eles conversa muito...Não, ali é corrido. Hora de serviço não tem tempo de conversar não...Entrevalo de almoço, assim, que bate um papo. Mas hora de serviço, ninguém não conversa não. Prensa pelo menos, prensa não pode ninguém ficá conversando porque é perigoso acidente...Não, os forneiro é diferente que eles têm mais prazo, né? Às veiz eles pode batê um papo lá durante o dia, que é dois forneiro que tem lá. Eles enche as boca, fogo normal lá. Então eles pode conversar. Mas agora, os das máquinas não pode."[50]

---

[48] Depoimento colhido pelo autor em 09/11/95

[49] Depoimento colhido pelo autor em 10/02/96

[50] Depoimento colhido pelo autor em 19/10/95

> "(...)Tinha, tinha até uns ... tarefa, eles terminam a tarefa deles, senta tudo lá e outros que não tá de tarefa vai pra lá também, sapiá, aí o homem danava: 'Cês termina, cês casca fora também, se não cês fica aí e atrapalha todo mundo'."[51]

A evidência desta solidariedade pode ser observada em práticas, as quais os entrevistados relatam:

> "(...)Dentro da cerâmica é um tipo família. Dentro da cerâmica é o seguinte, existe o cara que entra lá só para trabalhar, mas existe o indivíduo também que entra só por malandragem, mas a maior parte é uma família dentro da cerâmica. Que tem consideração, qualquer coisinha que acontece com um funcionário, todo mundo tá aí para ajudar. Inclusive já teve muitos, já teve dois, com caso grave lá. A gente vê necessidade procura ajudar...É, a gente faz a campanha, arrecada alimento pra cada enfermo, isso é vários, vários companheiro que adoeceu e faz esse tipo de coisa. Deus dá essa condição pra gente, né? E a gente agradece também a honra que a gente trabalha e dá apoio pra gente também, né?"
> "...Vamo dizer que eu ganho o salário que eles tão me pagando, seja justo, mas o que eu faço fora da minha função eu merecia mais dois ou três salário. Minha função eu faço, que é minha obrigação. Mas que eu óio os outros também, a parte de fogo é eu que tomo conta.
> É, nessa parte aí eu não to sendo ... por que? Porque eles acham que tão me pagando uma coisa justa. Mas eu tô fazendo aquilo ali, devido o companherismo, porque se eu chegar e falar: 'não, eu vou fazer'. Ele não podi recramá"[52]

> "(...)Não, a turma agora a amizade deles é mais de que de primeira...Então eu vou lá, ponho forno lá, venho cá, nóis conversa, de jeito que nóis fica tudo unido...De jeito que fica tudo unido, a turma que trabalha fica tudo unida.
> É. A amizade, eles é unido, eles é todo unido. Tanto faz o povo das prensa com os que enforna, com os que desinforna, desinfornador, com os carregador de caminhão. Então eles é tudo unido, a turma conversa,brinca, caçoa um com outro, sabe? É tudo unido."[53]

Por essas práticas é permitido a esses trabalhadores compartilhar suas angústias, medos, e principalmente, respostas a problemas comuns. Dessa forma, torna-se possível compreender como uma alternativa buscada inicialmente por alguns desses trabalhadores, trouxe contribuições para o conjunto da categoria. Trata-se de uma prática muito comum entre os cerâmicos, ou seja, a saída dos mesmos das cerâmicas em períodos de colheita da cultura do café.

---

[51] Depoimento colhido pelo autor em 10/02/96

[52] Depoimento colhido pelo autor em 17/09/95

[53] Depoimento colhido pelo autor em 09/11/95

Esta cultura representa a maior atividade do meio rural de Monte Carmelo, como consta do Jornal Municípios Mineiros[54], onde é relatado que a produção agrícola de Monte Carmelo está baseada no café, com cerca de 18 milhões de pés[55] e secundariamente, na pecuária de gado leiteiro e de corte.

A troca do trabalho na cerâmica pelo da lavoura, ocorre durante um relativo curto espaço de tempo, cerca de três meses, quando a produção cafeeira do município requer um grande número de trabalhadores que são contratados somente para este período. Ocorre que não é economicamente viável ao produtor manter essa mesma mão-de-obra durante todo o período anual, haja vista que a lavoura de café não requer grande número de trabalhadores para sua manutenção, o que somente se dá durante a colheita. Isto faz com que a mão-de-obra empregada na lavoura tenha melhor remuneração do que o trabalho nas cerâmicas.

> "(...) Dispois é que veio o café aí foi uma beleza, aí na época do café é que a gente ganhava dinheiro...Vai, aqui o forte é as cerâmica, quando a cerâmica fracassa é o café, né? Café que é a salvação."[56]

Entretanto, para se evitar perdas com esse movimento dos cerâmicos em busca de uma melhor remuneração, mesmo que breve, os ceramistas lançam mão de estratégias que objetivam desestimular os trabalhadores cerâmicos a se retirarem para a lavoura.

> "(...)Ah é! As vezes sai muito, na época do cafezal sai muito. Aí fica um desfalque na cerâmica, os ceramiqueiro achava muito ruim porque tem a turma boa que sabe trabalhar no serviço usando o serviço que é mais assim milindroso, sabe? Na hora de panhar café eles largava e cascava fora pro café e deixava a cerâmica."[57]
>
> "(...) Ah não, isso aí agora pra nóis piora pra um lado. Quando é na época do café aí eles trava o pião. Eles não aumenta pro pião e trava o pião, cê não pode pedir saída que ocê perde tudo.
> Segura o pião, se o pião quer sair não tem jeito de sair que ele tá segurado, tá travado o pião. É porque eles pede pra da saída nas cartera, que as vez tem, eles não dá...Aí eles fala assim: 'Se ocê quisé sair, cê sai, por sua conta'...Aí cê não ganha, cê perde seu

[54] Jornal Municípios Mineiros, n° 44:1, março de 1984, **Monte Carmelo**.

[55] Isto no ano de 1984, o que posteriormente aumenta significativamente.

[56] Depoimento colhido pelo autor em 10/02/96

[57] Idem.

> fundo de garantia, cê não recebe nada... que aí o trem agora amarrou, eles amarraram o trem de um jeito que não solta traveiz pros empregado, sabe? Não tem jeito. Se ocê quiser as vez ganhá um dinheirinho a mais no café, que dá mais que na cerâmica, cê tem brigá."[58]

Em algumas ocasiões, quando coincidia o período de colheita com uma boa vendagem das telhas, os ceramistas se viam obrigados a aumentarem os salários afim de manter a mão-de-obra dentro das empresas.

> "(..)Porque o povo saía, então as cerâmicas ficavam vazias, então eles pagavam mais pra nóis, aí nosso salário subia, aí era uma beleza. Aí o que ia ganhava bem no café, e o que ficava também era compensado porquê aí eles ficava louco, tava vendendo bem, né? Aí aumentava pra nóis."[59]

Posteriormente os próprios cerâmicos passaram a perceber que a disposição dos ceramistas em melhor remunerá-los, quando da disputa de mão-de-obra para com a cafeicultura, se justificava pelo lucro dos ceramistas que passava a ser ameaçado pela falta de pessoal suficiente na produção de telhas que o mercado requisitava.

> " O acordo era quando eles estavam precisando mais ... era nóis que aproveitava, quando táva vendendo muito, nóis é que chamava pro acordo."[60]

Nesse processo de negociação a tarefa de comunicação da reivindicação dos trabalhadores ao patrão, muitas vezes ficava por conta de um funcionário mais antigo da cerâmica. Essa preferência explica-se em virtude desse funcionário ter maior possibilidade de acesso ao patrão, pois o mesmo trabalha no local desde a época em que era comum o proprietário também estar ao lado dos trabalhadores na área de produção.

> "(...)Antigamente eles ia na cerâmica, ficava no meio da turma...Ficava...Não, hoje já não. Hoje eles quase não vai na cerâmica, hoje fica só o gerente, hoje em dia acabou. De primeira eles ... em cima, agora hoje em dia não. É alguma hora que eles aparece lá dentro da cerâmica, no mais acabou. Mais fica só dentro do escritório lá e pronto."[61]

---

[58] Depoimento colhido pelo autor em 09/11/95

[59] Depoimento colhido pelo autor em 10/02/96

[60] Idem.

[61] Ibdem.

Portanto, esse contato estabelecido pessoalmente com o patrão é compreendido como um ponto de vantagem que este funcionário "mais velho de casa" teria sobre os outros, facilitando assim o diálogo reivindicatório que se estabeleceria com o patrão.

> "(...)É os problema cê tem que conversar pra resolver, que ali cê não pode resolver aquilo. Aquilo é tudo cê vai, conversar com ele, e se tem algum trem errado, tem que conversar. Ali é assim, o mais velho é que tem que conversar com os outro... É. O mais velho de serviço. Por exemplo, eu sou o mais velho lá, então tem que os outro que tá lá que é os outro que trabalha comigo qualquer um erro que tem eles vem falar comigo. Aí eu explico...Nóis chega lá, sempre nóis chega lá e conversa com ele."[62]

Há ainda de se considerar que a experiência do funcionário também permite analisar sobre o momento adequado para se fazer uma reivindicação, pois com sua longa convivência com o patrão e o conhecimento que tem sobre o temperamento do mesmo, é possível saber qual o melhor momento de abordá-lo.

> "(...)eu via que não adiantava, né? Pegava falava: 'Não, vai mexer com isso não, larga isso pra lá. Depois uma hora, aproveita que for hora, nóis vai'. E aí, esse negócio de firma tem ser a hora, a gente tem de saber a hora, patrão tá na hora boa ou não, né? Sabe lá a hora que ele ... conversa com ele, ele dá as costa. A hora que enfezar com os trem também lá é a mesma coisa de tá conversando com ele, e ele vai saindo pra lá, vai largando a gente, aí não adianta, né? Cê tem que saber a hora de ir."[63]

Vez por outra, a figura do gerente também é utilizada nesses momentos de reivindicação dos cerâmicos. Sendo também um trabalhador de cerâmica, o gerente está mais próximo da realidade do restante dos trabalhadores, porém, como já foi colocado no item anterior, a sua posição não permite que o mesmo abrace a causa dos cerâmicos.

> "(...)Nóis sempre deu certo, às veiz nóis tinha nossas intriga e tal, mas depois que eu passei a ser gerente, aí já mudou, porque na época a gente brigava porque eu queria aquele serviço, às veiz queria aumento e tal tal, depois que eu passei a ser gerente, aí nóis já discutia como um da família, quê aí eu já interessava, já tinha meu ordenado, né? Então eu já interessava mais pela coisa, então às vezes nóis "discutia"(o patrão conversava com o funcionário) com o patrão, prá mim não vê prejuízo por ele."[64]

[62] Depoimento colhido pelo autor em 09/11/95

[63] Depoimento colhido pelo autor em 10/02/96

[64] Idem.

Essa intermediação que, em alguns casos cabe ao gerente fazer, ocorre primeiramente pelo fato dele estar em contato direto com os demais trabalhadores, constatando pessoalmente as condições ou situações enfrentadas pelos cerâmicos. Outro aspecto dessa questão é que, o gerente mantém um contato direto e constante com todos os trabalhadores envolvidos diretamente na produção, o que significa que este gerente tem uma maior possibilidade de ser ouvido. Ele representa ainda uma pessoa que melhor sabe ouvir as reivindicações, comparativamente ao patrão. Isto é percebido numa historicidade das relações entre patrão e empregados que se transformou significativamente, como se verificou no item anterior, principalmente em virtude da necessidade dos ceramistas em implementar processos de racionalização, que provocaram, no caso aqui tratado, o afastamento do contato que antes o patrão estabelecia com os cerâmicos, sendo que nesse segundo momento a presença do ceramista se fazia necessária no escritório de administração da empresa.

> "(...)Com os patrão, de primeira era mió. Que eles cresceu um mucado aí eles mudificô, eles viram que aquele trem táva errado pro lado deles...Agora os patrão já entrega pra eles, gerente, tem um que toma conta, é geral, toma conta de tudo. Então aquilo ali, qualquer coisa o patrão chama ele, ele vem cá e conversa com ele, ele vai lá e conversa com os outros. O trem agora mudaram tudo o tipo de...Tendo o gerente geral cê topa com ele, conversa com ele, ali ele tá alegre com os companheiro, né? Conversa com ele ali, diz ela pro patrão e depois ele entrega a resposta pra ocê...É, patrão agora é mais enjoado. Agora não, gerente cê conversa com ele, ele resolve com eles pra lá e aí eles vem e conversa com a gente."[65]

Como já se pode perceber houve, desde o momento de consolidação da atividade cerâmica, na década de 70, relevantes alterações em vários aspectos do cotidiano desses trabalhadores cerâmicos. Nesse sentido, o comportamento dos mesmos no que se refere às atitudes de reivindicações também se altera, chegando ao final da década de 80 com práticas mais contundentes que revelam a insatisfação e a necessidade de enfrentar uma realidade marcada pela luta de interesses antagônicos entre cerâmicos e ceramistas.

---

[65] Depoimento colhido pelo autor em 09/11/95

2.3 Os Cerâmicos e "seu" Sindicato: o que houve?

> *"(...)Mas o que é importante não é a topografia política de sindicatos e partidos... e sim o fato de que ambos, embora alegassem caminhar de braços dados na direção do objetivo comum, raramente estiveram na mesma cadência por mais do que curtos períodos, a não ser que um ou outro, ou ambos, estivesse fraco demais para algo além de gestos públicos."*
>
> Eric J. Hobsbawn

É no final da década de 80 que se tece um novo momento, no qual se verifica práticas, como já colocado, mais contudentes de atuação dos cerâmicos. Essas práticas se justificam por todo um processo histórico já relatado, como também por um novo quadro histórico, no qual poucos são aqueles cerâmicos provenientes do período em que a relação com o patrão apresentava traços de "paternalismo". Nesse momento não se tem mais o contato direto com o patrão, que agora fixou-se no escritório da administração da cerâmica.

É necessário atentar também para o fato de que, em função de uma larga experiência vivenciada ao longo de quase duas décadas, muitos trabalhadores cerâmicos constataram que houve melhora significativa apenas para aqueles que detêm os meios de produção pois, como afirma um deles:

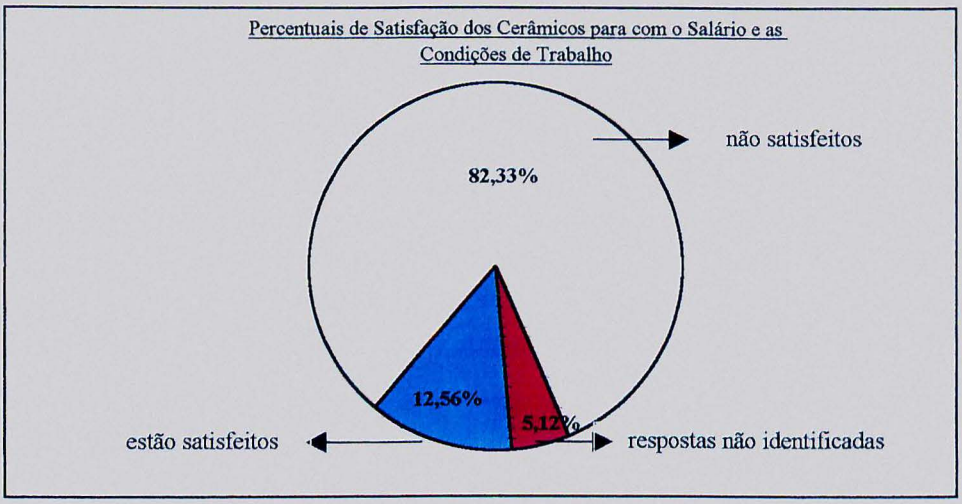
> "Pra nóis continua ruim mesma coisa, melhora só pra eles."[66]

Tudo isso, associado aos efeitos negativos provocados pela racionalização do processo produtivo, aos baixos salários (tabela III) e ao desrespeito aos direitos trabalhistas (gráfico VII), contribui para um quadro de insatisfação crescente. Não é por acaso que num levantamento feito pelo Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Cerâmicas de Monte Carmelo, no ano de 1990, nada menos do que 82% externaram insatisfação em relação ao salário e as condições de trabalho, conforme pode ser observado no gráfico IX.

---

[66] Idem.

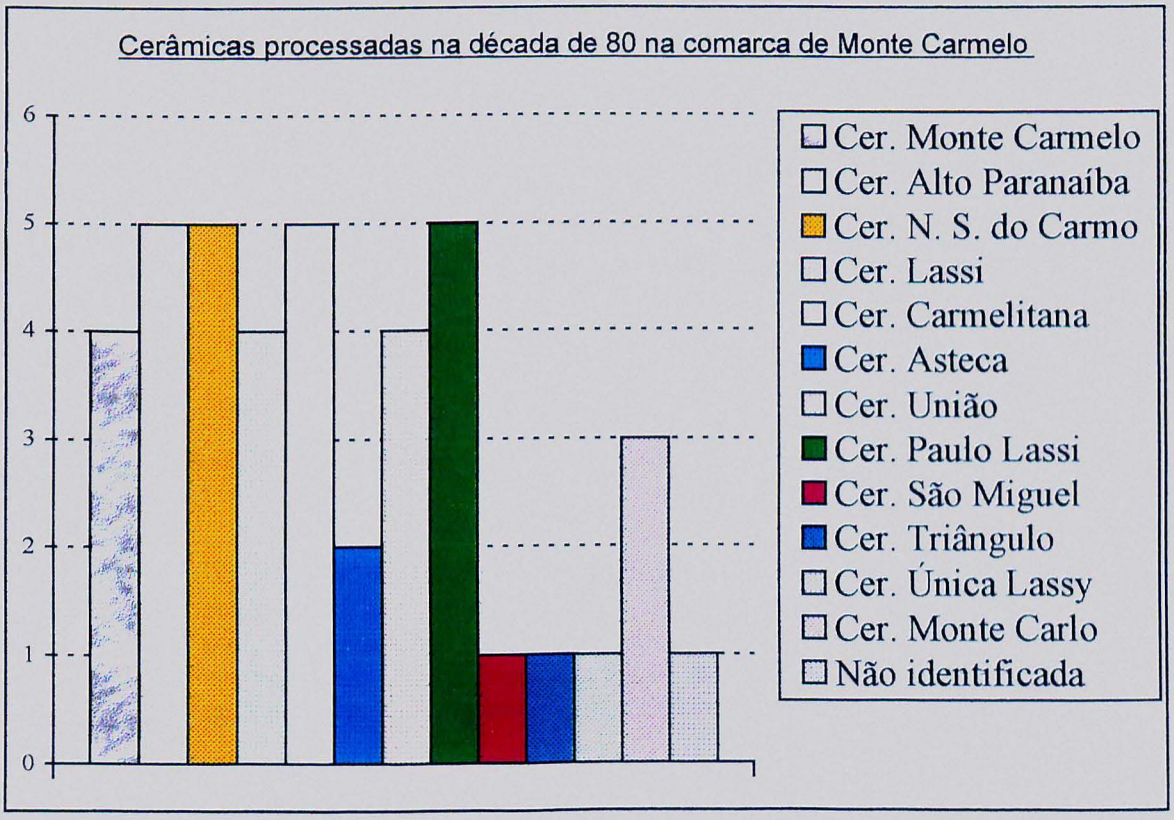
Gráfico IX



FONTE: Associação dos Trabalhadores nas Indústrias Cerâmicas de Monte Carmelo.

Outro aspecto relevante que deve ser ressaltado diz repeito a uma estratégia de luta que consiste na busca dos direitos trabalhistas, junto ao poder judiciário. Como é verificado nos dados abaixo.

Gráfico X



FONTE: Forum "Tito Fulgêncio", Monte Carmelo.

Tabela IV

Relação entre natureza dos processos e características dos requerentes						
PERÍODO	QUANT.	NATUREZA DO PROCESSO		REQUERENTE		
1980		Trabalhista	37	Homens	Mulheres	Minist. Público
À	41	ressarcimento de danos	01	30	10	1
1990		Indenização	03			

FONTE: Forum "Tito Fulgêncio", Monte Carmelo.

Considerando esse número de 41 processos, ao longo de toda a década de 80, dentro de um universo de, aproximadamente, 32 cerâmicas e 3.500 trabalhadores cerâmicos, é algo inespressivo. Porém, tem-se a impressão de que, após as várias conquistas no âmbito dos direitos trabalhistas contempladas pela Constituição Federal de 1988, direta ou indiretamente, uma série de lutas pelos direitos dos cerâmicos foram implementadas. Somando-se a isso, há ainda, a instalação da Junta de Conciliação Trabalhista na cidade de Patrocínio, em setembro de 1989, responsável pelas questões trabalhistas da micro-região de Patrocínio na qual se insere Monte Carmelo, que se configurou como um fator estimulador.

É nesse contexto que também ocorrem no âmbito das indústrias cerâmicas locais, as primeiras greves "espontâneas", geralmente deflagradas em situações-limite criadas geralmente em função da precariedade dos instrumentos de trabalho. É o caso, por exemplo, do problema enfrentado por aqueles que eram responsáveis pelo transporte da telha, também chamados carrinhadores, os quais deveriam fazer o transporte da telha em carrinhos de madeira que encontravam-se em péssimo estado de conservação. Nesse sentido, era comum os acidentes provocados pela falta de manutenção de tais carrinhos, fazendo com que toda a carga de telha transportada fosse danificada, e nestes casos o prejuízo era transferido ao funcionário responsável.

> "(...)Porque o material da gente trabalhá era tudo velho, quebrado, na época a gente pedia assim, que fosse pelo menos novo, o material, mais novos pra gente trabalhá, porque até pra gente carrinhá mesmo, varias vezes o carrinho quebrava, assim, e ocê curria o risco de caí pilha em cima da gente e machucá, carrinho, grade, tudo quebrava. Era material muito velho, táva bastante usado."[67]

> "(...) A cerâmica cheia de buraco, o carrinho com a pia caía, o gerente xingava, e ocê ia trabaiá era carrinho de mão, e ocê ia trabaiá e o gerente pegava e ficava olhando, só que não limpava o piso da cerâmica, então cê ia correndo pra, era cheio de rampa, ... então sem estrutura, então cê ia trabalhando com o carrinho, então as vezes as grades caia, porque era cheio de ondulação e já ia caindo e ficava grade quebrada no

[67] Depoimento colhido pelo autor em 10/01/97

> caminho, aquele processo em cadeia, então o gerente chegava falava: 'o filho da puta! Cê não trabalha'. Então aquele próprio clima de desgoverno dentro da própria fábrica, era um governo, mas que não tinha autoridade, aquilo ali era as primeira certa revolta que começou o movimento."[68]

Por isso, o processo de racionalização da produção cerâmica é marcado por práticas que tornam o trabalho dos cerâmicos muito mais desgastante, como é o caso de regulagem das prensas pelos ceramistas afim de aumentar significativamente o número de telhas prensadas por minuto. Outras situações de paralisação dos funcionários, ocorriam em virtude de acidentes provocados pelos mesmos em um dos maquinários da linha de produção, com a justificativa de ser o próprio rítmo de trabalho fatigante, ou seja, criava-se uma situação para que os trabalhadores pudessem num breve período, descansar do rítmo alucinante imposto pelo maquinário através dos ceramistas.

É diante dessas práticas que no segundo semestre de 1989, ocorre na Cerâmica Monte Carlo um movimento de paralização que se estende por dezessete dias. Nos primeiros dias de paralisação, os proprietários da cerâmica se recusaram a entrar em negociação, porém, alguns dias depois, foi estabelecido um diálogo no qual algumas reivindicações dos cerâmicos (pertinentes às questões de trabalho e principalmente à questão salarial), foram atendidas. Foi principalmente em virtude desse acontecimento que líderes desta greve se sentiram motivados a criarem o que posteriormente passou a ser chamado Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Cerâmicas de Monte Carmelo, filiado à Central Única dos Trabalhadores - CUT, fundado em 14 de janeiro de 1990.

Com uma postura política bem definida, desde o seu nascedouro, o Sindicato dos Cerâmicos personificado na figura de seu primeiro presidente - Huender Franco Dias, teve práticas de atuação que inicialmente estavam sintonizadas com as próprias necessidades e insatisfações dos trabalhadores cerâmicos. Ilustra isso o episódio que envolveu a mudança da forma de pagamento feita nas cerâmicas, que ocorria primeiramente de forma semanal, posteriormente de maneira quinzenal, mas por determinação de uma decisão tomada pela Associação dos Ceramistas de Monte Carmelo, passou a ser feito mensalmente. Isso foi motivo para enorme

---

[68] Idem.

descontentamento por parte dos cerâmicos, conforme pode ser constatado na tabela abaixo, montada a partir dos dados fornecidos pelo sindicato dos cerâmicos.

Tabela V

Índices Percentuais das Opiniões dos Cerâmicos para com a Melhor Forma de Recebimento dos Salários		
Pg. mensal	Pg. quinzenal	resp. ñ. identif.
10,53%	81,58%	7,89%

FONTE: Associação dos Trabalhadores nas Indústrias Cerâmicas de Monte Carmelo.

Coube ao sindicato detectar, primeiramente por uma pesquisa de amostragem (sobre a qual foi possível elaborar a tabela anterior), a parcela dos cerâmicos que desejavam o pagamento quinzenal, com intuito de verificar o grau de relevância desta reivindicação afim de que se empreender uma campanha sistemática de reivindicação na mudança do pagamento. Após a realização desta pesquisa, considerando os números, o sindicato colocou em prática uma campanha que incluía em um dos seus pontos de pauta a reivindicação do pagamento semanal. Conforme é verificado nos trechos de um planfleto editado pelo sindicato e transcrito mais adiante.

O Sindicato, num primeiro momento, também orienta a sua atuação com base nas próprias experiências dos cerâmicos, estabelecendo que o melhor momento para discussão de questões pertinentes às reivindicações a serem feitas acerca de questões salariais e de condições de trabalho era quando as cerâmicas se encontravam no seu período de maior produção.

> "...Uma assembléia geral ordinária será realizada até o dia 30 de julho para discusão da situação financeira e do trabalho da categoria aproveitando a época de maior produção nas cerâmicas." [69]

Conciliando as práticas de resistência dos cerâmicos, já discutidas anteriormente neste trabalho, com um discurso de insatisfação e contestação, o presidente do Sindicato, consegue, no ano de 1993, eleger-se vereador pelo município de Monte Carmelo. Esta concepção de militância política/sindical/partidária que

---

[69] Ata da Assembléia Geral do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Cerâmicas de Monte Carmelo, realizada em 04-01-1990.

guiava o presidente do Sindicato já era uma tônica nos primeiros materiais de divulgação do Sindicato, como comprova trechos do panfleto abaixo transcrito.

> " BASTA DE ITAMAR! REAJUSTE MENSAL DE SALÁRIOS JÁ! NÃO À PATRONAL, PAGAMENTO SEMANAL JÁ!
> O governo novamente decide enganar a população. DESTA VEZ quer convencer o povo de que todos são responsáveis pela fome.
> Itamar não merece confiança, está com a mesma política de Collor, que só aumenta a fome e a miséria do povo brasileiro.
> ... PAGAMENTO SEMANAL? JÁ!!! DIGA NÃO À PATRONAL!!!
> ...BASTA DE ITAMAR!!! NÃO À POLÍTICA DE DESEMPREGO!!!
> Para sair da crise a solução é a organização da classe trabalhadora. É necessário a filiação de todos os trabalhadores no sindicato.
> CHEGA DE MISÉRIA, NÃO VAMOS PAGAR PELA CRISE QUE NÃO CRIAMOS. UNIDOS VENCEREMOS OS PATRÕES E O GOVERNO. PAGAMENTO SEMANAL COM REAJUSTE MENSAL INTEGRAL DE SÁLARIOS, JÁ
> SINDICATO DOS TRABALHADORES NAS INDÚSTRIAS CERÂMICAS DE MONTE CARMELO."[70]

Em que pese o esforço da direção do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Cerâmicas de Monte Carmelo em manter uma ligação mais estreita com a base representada, a própria orientação política adotada no interior do sindicato, vai se tornar num dos grandes obstáculos para a sua concretização. Partindo de uma concepção vanguardista que concebe as lutas sindicais limitadas às reivindicações de caráter meramente econômico, sendo que a verdadeira política deve ser conduzida de fora e orientada por uma perspectiva revolucionária, a direção do sindicato tem grande dificuldade em conseguir a representatividade necessária para um bom andamento dos trabalhos. Este processo de distanciamento base e sindicato se inicia justamente após o exercício do mandato de vereador, do presidente do sindicato dos cerâmicos.

Tendo como norte essa orientação, o sindicato dos cerâmicos desde o seu nascimento, tem aí a principal causa do seu entrave e do seu distânciamento para com a base que representa. Se não bastasse as retaliações empreendidas pelos ceramistas para com quem estivesse envolvido no processo de estruturação do sindicato, como ilustra as falas seguintes, o próprio discursso empreendido pelo sindicato acabou servindo de desestímulo.

---

[70] Panfleto distribuído pelo Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Cerâmicas de Monte Carmelo, s/d.

Pertencentes a corrente política denominada, na época, Convergência Socialista presente dentro do Partido dos Trabalhadores, as principais figuras do sindicato viriam a integrar mais tarde, conjuntamente com os membros da Convergência Socialista expulsos do PT, o movimento de criação do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificados (PSTU). Não conseguindo ser imune à tentação da carreira alternativa que o cargo de presidente do sindicato oferecia, o presidente do sindicato, Huender, não hesitou em abraçar a carreira política.

O resultado foi que, como político, o presidente do sindicato não conseguiu responder satisfatoriamente aos cerâmicos, deixando o sindicato desacreditado tanto por sua base, quanto por seus dirigentes. Não conseguiu absorver uma tradição de luta por melhores condições de vida e trabalho empreendida pelos cerâmicos ao longo de muitos anos e, com isso deixou escapar o acúmulo das experiência que apontam para uma prática efetiva de resultados, qual seja, a de que lutando juntos é possível conseguir fazer valer os interesses que guiam os cerâmicos no seu dia-a-dia. Como comprovam os dados da pesquisa realizada pelo próprio Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Cerâmicas de Monte Carmelo, junto a 215 trabalhadores da categoria, 90,20% deles disseram acreditar na eficácia de uma luta conjunta que objetivasse a conquista do pagamento de salários semanalmente, contra apenas 5,58% que afirmaram não acreditar nessa possibilidade, restando 4,19% de respostas que não foram possíveis identificar em virtude do deterioramento das fichas de entrevistas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É nesse momento, que a paixão pela pesquisa histórica se renova, pois aqui verifica-se a gama de possibilidades que a investigação do objeto de pesquisa analisado apresenta. Claro que, por um tempo, fiz confusão entre as possibilidades e a frustração de não as tratá-las, de imediato. Porém, o amadurecimento hoje indica um endendimento diferenciado. Tal endendimento é construído à medida que percebi o que seria uma proposta de trabalho monográfico, bem como, a noção das limitações que são próprias de uma graduação.

Nesse sentido, o contato com as fontes sucitaram novas questões, principalmente, questões referentes à relação das tendências político-partidárias, que tiveram e tem como principal característica a organização e condução da classe trabalhadora na sua luta política em defesa de seus interesses, e as formas organizativas dos trabalhadores cerâmicos de Monte Carmelo. Assim, compreender o papel histórico das correntes político partidárias que se fizeram presentes no interior de Minas Gerais, especificamente na cidade de Monte Carmelo, que tiveram por princípio ou objetivos a organização da classe trabalhadora na sua luta política em defesa de seus interesses, é uma das possibilidades que se apresenta.

Quanto ao trabalho empreendido, nesta monografia, foi possível destacar que a alteração da base econômica do município de Monte Carmelo, trabalhada de forma mais pontual, no processo de industrialização da atividade cerâmica, repercutiu de maneira significativa nas relações sociais estabelecidas no município. Se por uma dada perspectiva, a nova dinâmica da economia, após a década de 70, pode ser vista de maneira positiva, principalmente por aqueles que foram agraciados em termos de acumulação da riqueza produzida, há de se ressaltar as conseqüências negativas que foram apresentadas no primeiro capítulo. Não obstante, é no segundo capítulo, que se encontra melhor estudadas essas conseqüências, quando abordadas as alterações nas relações de trabalho.

Desta forma iniciou-se a abordagem por uma breve análise dos mecanismos de dominação e exploração impostos à categoria de trabalhadores aqui pesquisada. Averigou-se que, sendo o espaço da produção um locus privilegiado para aplicação das práticas do capital que objetivam a maximização do lucro, também na cidade de Monte Carmelo, essas práticas de dominação e exploração podem ser verificadas nas

experiências dos cerâmicos, constituindo-se, na verdade, naquilo que na abordagem teórica de forma mais genérica ficou designado como a racionalização do processo produtivo, também conhecido como gerência científica. Pelas experiências relatadas, dentre os métodos aplicados na indústria cerâmica de Monte Carmelo, o que chama a atenção é o uso de recursos tecnológicos, especificamente ha implementação do maquinário pesado na linha de produção, e ainda a figura do gerente de produção. Sendo que este último possui algumas especificidades relacionadas ao processo pelo qual resultou a criação deste posto. Coube atentar também para as práticas mais elementares de dominação e exploração que se fazem presentes para com esta categoria de trabalhadores, como é o caso dos baixos salários, das condições precárias de trabalho e ainda do desrespeito dos ceramistas para com os direitos trabalhistas constitucionalmente garantidos.

Em seguida tratou-se de como os cerâmicos ao experimentarem esta realidade vivenciada no trabalho, reivindicaram ou reagiram à mesma. Assim, buscou-se primeiramente atentar para a própria historicidade das relações entre os trabalhadores dessa categoria. Neste sentido verificou-se que dado a um conjunto de fatores presentes no momento de consolidação da atividade cerâmica, as relações que se estabeleceram entre os cerâmicos, muitas vezes estavam marcadas pelo estranhamento. Posteriormente, essa situação se modifica radicalmente uma vez que práticas de ajuda mútua passam a ser uma constância entre esses trabalhadores.

Daí ser possível identificar como que neste processo foi se construindo alternativas buscadas por esses trabalhadores afim de enfrentarem a dura realidade que marca suas vidas. Dentre essas alternativas, coube destaque a prática da saída das cerâmicas por parte dos trabalhadores em períodos de colheita do café, que resultou numa reação dos ceramistas, o que por sua vez acabou beneficiando também àqueles que dessa prática não lançavam mão. Esta reação dos ceramistas consistia em promover aumento nos salários daqueles que não saíssem da cerâmica neste período de colheita do café.

Pode-se ainda atentar para uma outra prática que melhor exemplifica a experiência vivenciada desses trabalhadores, dando suporte a uma forma organizacional de reivindicação. Trata-se do aprendizado pelo qual os cerâmicos

passaram a perceber qual o melhor momento e a melhor forma para desencadearem uma reivindicação de ajuste salarial. Aqui fica o destaque para a escolha de uma pessoa que tendo o maior tempo de trabalho dentro da empresa, encarna a figura de líder e encarrega-se de estabelecer o contato reivindicativo para com o patrão. Observou-se ainda que quando da ocorrência do "melhor momento" para se dar uma reivindicação de ajuste salarial (quando a produção da cerâmica fosse mais intensa) a presença do gerente para intermediação junto ao patrão afim de levar as reivindicações configura-se numa prática advinda da experiência vivenciada no processo de modificação das relações estabelecidas entre ceramistas e cerâmicos.

Dentro desse processo de reconhecimento comum de interesses e dificuldades enfrentadas, chega-se ao final da década de 80 com o exercício de outras formas de resistência e ou reivindicações, agora marcadas por um contexto sócio-político que apresenta outros elementos atuantes de maneira direta na realidade enfrentada pelos cerâmicos. Está se falando primeiramente de fatores que se processaram fora do âmbito local de Monte Carmelo, embora repercutindo de forma significativa no meio cerâmico. É o caso das garantias de direitos trabalhistas asseguradas pela promulgação da Constituição Federal de 1988 e ainda da instalação da Junta de Conciliação Trabalhista na cidade de Patrocínio (cidade polarizadora da micro-região de Patrocínio, na qual Monte Carmelo está inserido). Acrescenta-se ainda, os fatores agravados pela racionalização produtiva (como as péssimas condições de trabalho, os problemas com os instrumentos de trabalho e a própria estrutura do local de trabalho) e outras práticas contundentes passam a ser implementadas, como é o caso dos processos trabalhistas movidos pelos cerâmicos que fazem com que também na esfera do poder judiciário se processasse a luta por interesses desses trabalhadores. Constam ainda, movimentos de paralizações momentâneas, ou "greves espontâneas", ocorridas esporadicamente dadas às situações "insuportáveis" criadas no trabalho. Tais paralisações se deram na linha de produção, onde muitas vezes, por falta de condições adequadas dos instrumentos de trabalho ou mesmo pelo ritmo imposto se buscou estabelecer um processo de negociação afim de que as reivindicações, emergidas por estas situações, fossem atendidas.

É no bojo desses acontecimentos que se criou as condições sobre as quais ao final do ano de 1989 teve lugar um movimento reivindicatório, marcado por uma paralisação de 17 dias, ao final da qual tem início o processo de fundação do Sindicato dos Trabalhadores Cerâmicos de Monte Carmelo. Entretanto, a fundação de uma entidade, que do ponto de vista organizacional poderia ser considerada a melhor forma de luta pelos interesses dos cerâmicos, embora configurada a partir das experiências da categoria acumuladas ao longo dos anos, não logrou o êxito necessário para efetivamente representar e se identificar com o conjunto dos representados. Grande parte desse insucesso vincula-se a própria postura política/ideológica adotada pelas principais figuras dirigentes deste sindicato. Identificadas com uma determinada leitura marxista de caráter vanguardista e demasiadamente marcadas pelo discurso da superação do capitalismo, essas lideranças pouco fizeram em termos de atividades que efetivamente merecessem o reconhecimento dos trabalhadores cerâmicos.

Isso posto, ao fim de mais este levantamento dos resultados alcançados ao longo de todo esse processo de investigação já empreendido, e, tomando como referência a proposta original, chegou-se a conclusão de que, apesar das muitas revelações obtidas acerca do objeto enfocado, algumas lacunas permanecem em aberto. Ou seja, os elementos que permeiam e ao mesmo tempo interligam todas as dimensões registradas nos trabalhos anteriores, ainda precisam ser melhor explorados.

FONTES

E

BIBLIOGRAFIA

FONTES

ENTREVISTAS

Apesar de terem sido colhidos outos depoimentos, ao longo desta pesquisa, foram selecionados os abaixo relacionados, para esta monografia:

17/09/95 - Elias

19/10/95 - José Pinto

09/11/95 - Sebastião

10/02/96 - José Vieira

10/02/96 - Jorge Amâncio

10/01/97 - Huender

16/11/96, depoimento colhido por Antônio de Pádua Bosi junto ao Sr. Zé da Mata, na sede de sua propriedade rural - comunidade da Tijuca (Monte Carmelo/MG).

O.b.s. - demais fontes encontram-se no corpo do trabalho, incluindo alguns cometários feitos na introdução.

BIBLIOGRAFIA

BOSI, Antônio de Pádua. **Os "Sem Gabarito"**: experiências de luta e de organização popular de trabalhadores em Monte Carmelo/MG nas décadas de 1970/1980. São Paulo: PUC/SP, 1997. (Dissertação, Mestrado)

BRAVERMAN, Harry. **Trabalho e Capital Monopolista**. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1981.

HALL, Michael M. "História oral: os riscos da inocência". In: **O direito à memória**: patrimônio histórico e cidadania. São Paulo: Departamento do Patrimônio Histórico, Secretaria Municipal de Cultura - DPH/SMC, 1992.

HAUPT, Georges. Por que a História do Movimento Operário?. **Revista Brasileira de História**. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, 1985.

HOBSBAWN, Eric J. **Mundos do Trabalho**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____ **Os Trabalhadores:** estudos sobre a história do operariado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

HUNT, Lynn. **A Nova História Cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

MACHADO, Maria Clara Tomaz. "Cultura popular em Minas Gerais: transformações, resistências ou desagregação". In: **Tempos Históricos**. Cascavel: Edunioeste, v1, n1, 1999.

_____ **Cultura Popular e Desenvolvimentismo em Minas Gerais**: caminhos cruzados de um mesmo tempo. São Paulo: USP/FFLCH, 1998. (Tese, Doutorado)

MARX, Karl. **O Capital**. livro I, volume I, São Paulo: Difel, 1982.

MEIHY, José Carlos Sebe. **Manual de História Oral**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

NEFFA, Júlio César. "El Fordismo". In: **Processo de Trabajo, Division del Trabajo e Nuervas Formas de Organization del Trabajo**. México: Sec. del Trabajo y Preservision social/Inst. Nac. de Estudos del trabajo, 1982

NETO, Wenceslau Gonçalves. Estado e planejamento: a agricultura nos planos de governo no Brasil (1960-1980). **Revista História & Perspectivas**. Uberlândia, n.10, p. 81-107, jan./jun. 1994.

SADER, Eder. **Quando novos personagens entraram em cena:** experiências, falas e lutas dos trabalhadores da grande São Paulo (1970-80). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SALAZAR, Vera. **Ação do Estado e as transformações agrárias do cerrado das zonas de Paracatu e Alto Paranaíba-MG**. Rio Claro: IGCE/UNESP, 1988. (Tese, Doutorado).

SANTOS, José Vicente Tavares. Efeitos sociais da modernização da agricultura. **Revista História & Perspectivas**. Uberlândia, n.10, p. 45-57, jan./jun. 1994

SOUZA, João Carlos de. **Na Luta por Habitação**: a construção de novos valores. São Paulo: EDUC, 1995.

TELLES, Vera da Silva. "Anos 70: experiências, práticas e espaços políticos". In: KRISCHKE, P., e MAINWARING, S. (orgs.). **A Igreja nas bases em tempo de transição**. Porto Alegre: LPM/CEDEC, 1986.

THOMPSON, E. P. **A Formação da Classe Operária na Inglaterra**. Vol. I, II, II, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____ **A Miséria da Teoria ou um Planetário de Erros:** uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

_____ **Tradición, Revuelta y Consciencia de Clase.** Barcelona: Zamora, 1979.

WILLIANS, Raymond. **O campo e a cidade:** na história e na literatura. São Paulo: Cia das Letras, 1989.